Plinio Salgado

Espírito da Burguesia

(2.ª EDIÇÃO)

Livraria Clássica Brasileira
Rua do México, 121 — Loja I — RIO DE JANEIRO

Plinio Salgado

ESPÍRITO
DA
BURGUESIA

2.ª EDIÇÃO
1951

LIVRARIA CLASSICA BRASILEIRA
Rua México, 128 — Loja 1 — RIO DE JANEIRO

OBRAS DO AUTOR:

O estrangeiro (romance), 4.ª ed. José Olímpio — Rio.
O esperado (romance), 3.ª ed. José Olímpio — Rio.
O cavaleiro de Itararé (romance), 2.ª ed. José Olímpio.
A voz do Oeste (romance), 3.ª ed. José Olímpio — Rio.
Psicologia da Revolução (filosofia política), 3.ª ed. José Olímpio — Ed. Rio de Janeiro.
O que é o integralismo (doutrina Política), 4.ª ed. da Editora Star — Rio de Janeiro.
O sofrimento universal (sociologia e moral), 4.ª ed. da Liv. José Olímpio — Ed. Rio de Janeiro.
A quarta humanidade (conferências filosóficas), 4.ª ed. da Liv. José Olímpio — Ed. Rio de Janeiro.
Geografia sentimental (evocações e viagens), 3.ª ed. da Liv. José Olímpio — Ed. Rio de Janeiro.
Palavra nova dos tempos novos (jornalismo), 3.ª ed. da Editorial Panorama — São Paulo.
Despertemos a nação (jornalismo), ed. da Liv. José Olímpio Editora — Rio de Janeiro.
Nosso Brasil (literatura infantil), 2.ª da Liv. Coelho Branco — Rio de Janeiro.
Discursos às estrelas (crónicas literárias), ed. única da Ed. Hélios, Ltda. — São Paulo.
Oriente (viagens pelo Mediterrâneo oriental), ed. única da Paulista Editora — São Paulo.
A doutrina do sigma, 2.ª ed. Schmidt — Rio.
Páginas de combate (jornalismo), ed. Antunes — Rio.
Cartas aos camisas-verdes, ed. Olímpio — Rio.
A anta e o currupira (conferência), ed. Hélios — São Paulo.
O corrupira e o carão (crítica literária em colaboração com Menotti del Picchia e Cassiano Ricardo), ed. da Hélios, Ltda. — São Paulo.
O homem do Brasil (etnografia e sociologia), ed. da Legião Brasileira — de Ribeirão Preto.
O poema da fortaleza Santa Cruz (versos), edições particulares em São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia.
A vida de Jesus, 4.ª ed. (10º milhar) da Editorial Panorama — São Paulo; 6.ª ed. da Editorial Ática — Lisboa, 1944.
A aliança do sim e do não, 2.ª ed. Ultramar — Lisboa.
O Rei dos Reis e mensagens ao mundo Lusíada, Pro Domo — Lisboa, 1945.
A Mulher no Século XX, Tavares Martins — Porto, 1946; edição brasileira «Guanumby», — São Paulo, 1949.
Como nasceram as cidades do Brasil, Ática — Lisboa, 1946.
Madrugada do Espírito, Pro Domo — Lisboa, 1946; edição brasileira «Guanumby», — São Paulo, 1946.

I PARTE

Espírito da burguesia

Já temos dito muitas vezes e não nos cansaremos de repetir: a burguesia não é uma classe; é um estado de espírito. E' o próprio espírito da avareza e da sensualidade, que se manifesta de formas tão variadas e por vezes tão subtis, que muitos casos há em que alguém, julgando estar combatendo o espírito burguês, não faz mais o que avolumá-lo na sua própria alma.

Numerosos são os que estudaram a burguesia sob o aspecto das condições económicas e suas consequências políticas e sociais. Poucos os que penetraram nesse espírito que não é inerente, de modo exclusivo, à classe dominante em nossos dias, porém que se infiltra em tôdas as classes, sob os aspectos mais contraditòrios, refletindo uma concepção de vida em completo desacordo com os fins sobrenaturais do homem.

O espírito da burguesia vive em tôdas as classes. Está na classe média, tão forte, como nos círculos sociais dos ricos; está na própria

alma do proletariado, quando se deixa penetrar pelos argumentos materialistas, que embasam a vida humana em nossos dias.

A esse espírito chamamos hoje "burguesismo", pelo facto de ser a burguesia quem comanda os rumos disso a que temos convencionado chamar "civilização". Mas êle já dominou em outras épocas através de outras formas, agrupamentos ou expressões sociais dirigentes. Viveu na Antiguidade Oriental, como viveu na Roma dos Césares ou nos dias brilhantes da Renascença. Aos que o encarnaram referiu-se o Evangelho apelidando-os servidores de Mamon e o paganismo conheceu-os pelo nome de epicuristas.

É a preocupação exclusiva pelos bens materiais, que devendo constituir um "meio", pe' , qual a criatura humana deve atingir aos seus fins verdadeiros, tornam-se um "fim" em si mesmos com exclusão de tôda finalidade superior. É a transmutação dos cinco sentidos, que são também "meios" de domínio e compreensão do mundo exterior facultados ao sêr humano e instrumentos de comunicação e de experiência de que dispõe o homem para formar

juizos exatos e determinar os limites e as formas de suas acções na vida social, em "fins" exclusivos de todas as manifestações e realizações do sêr.

O espírito, pois, que domina o nosso tempo, e que temos nos habituado a designar pelo nome de "espírito burguês", póde ser definido como um processo psicológico mediante o qual os "meios" se transformem em "fins" e os "fins" se transformam em "meios".

Dele se origina todo o desentendimento entre os homens, todos os dramas de lágrimas, de sangue, de desesperos que assinalam as épocas tormentosas em que imperam o egoismo feroz e a sêde de prazeres.

* * *

Sentindo abalados os alicerces que servem de base à construção social em que vive, a burguesia se agita temerosa de perder os seus bens e declara guerra ao comunismo, que se levanta em todos os paises, desfraldando a bandeira da luta de classes.

Para tomarmos posição em face dessa luta, hoje tão evidente no âmbito nacional e internacional dos povos, cumpre-nos apreciar, com serenidade e justiça, a índole dos dois contendo-

res e tirar dêsse exame as conclusões sôbre o verdadeiro mal que é hoje causa das desgraças humanas e dos conflitos cada vez mais agudos que arrastam as nações para o abismo de tenebrosa catástrofe.

É o comunismo o mal do nosso século?

Como adversário leal e franco da doutrina marxista, ouso dizer que o comunismo não é o mal do século, porque antes dele existe um outro mal de que êle se origina. Esse mal é o espírito burguês.

Si desejamos combater o comunismo, que se ergue contra a sociedade burguesa, a nossa primeira atitude será a de combate contra a concepção de vida da burguesia, a qual, por ser injusta e cruel, gera revoltas por ela mesma semeadas com os princípios materialistas, ostensivos ou latentes, dos usufrutuários dos bens terrenos em nosso tempo.

Essa vida de gozo, de ostentação, de comodismo, que é o espetáculo oferecido pelos ricos, pelos poderosos granfinos de uma sociedade corrupta, representa uma proclamação diária, em face dos pobres e dos humildes, afirmando que o único fim dêste mundo reside na satisfação plena dos desejos da carne.

Tão eloquente manifesto repercute pelos

quadrantes do mundo e desperta nas massas o mesmo sentimento que se traduz nos mesmos conceitos de finalidade. Então, mais nobres e generosos do que aqueles que se servem da doutrina espiritualista como alicerce de uma construção materialista, surgem os líderes do comunismo dizendo: — substituamos êsse alicerce religioso por uma base anti-religiosa, porque assim haverá coerência e sinceridade, equilíbrio e justiça.

E' a lógica da anti-verdade, à qual não se pode negar o valor de um raciocínio perfeito. Não poderemos dizer o mesmo do sofisma que se lhe antepõe, porquanto mais digno é deduzir o êrro do êrro do que deduzir da verdade o êrro que, justamente pelo facto de surpreender as consciências iluminadas pelo sentido da justiça, provoca irritações e cóleras de quantos se sentem enganados.

O materialismo do nosso tempo não proveio das classes trabalhadoras; a sua origem é burguesa. Sustentado pelos filósofos e pelas mentalidades unilateralizadas sob o império do experimentalismo científico, o materialismo é doutrina que apareceu como justificativa da livre expansão do homem nos actos de conquista e de gozo dos bens terrenos. Pois esse gozo não

poderia ultrapassar os limites impostos pela moral, si preliminarmente não tivesse sido banida das cogitações humanas a crença num Deus, assim como na liberdade, na responsabilidade e no fim último e supremo do homem.

Só há, por conseguinte, um meio de combater o comunismo: é combater o espírito burguês.

* * *

Adotemos essa denominação, já que a classe dominante de hoje é constituida pela burguesia. Mas não sejamos injustos até ao ponto de condenarmos os burgueses só pelo facto de possuirem bens, de serem ricos, de influirem na vida social e política do nosso tempo. Si assim fizéssemos, cairíamos no êrro dos comunistas, os quais, adotando ostensivamente os princípios inconfessáveis da mentalidade burguesa, pretendem suprimir todos os valores espirituais de que ainda se valem os burgueses para manter suas posições. O que nós desejamos da burguesia é que tire conclusões lógicas dos princípios que diz defender.

Bem sabemos que nem todos os dirigentes da sociedade de hoje adotam a mesma doutrina

no combate ao comunismo. Uns falam em liberdade do homem, em defesa da democracia, sob um ponto de vista agnóstico e prático, isto é, considerando o sistema democrático e o liberalismo económico instrumentos mais propícios, à expansão dos desejos individuais; e esses se confraternizam com aqueles que falam em nome do Espírito Imortal, em nome das religiões às quais repugna a mecanização da sociedade tal como a preconizam os marxistas. Tanto os primeiros como os segundos reciprocamente se sustentam; os primeiros vendo na doutrina dos segundos elementos preciosos de ordem e conservação das estruturas por eles defendidas; os segundos vendo nas teorias dos primeiros excelentes factores aproveitáveis numa política de transigência e oportunismo. E ambos, os agnósticos e os religiosos, formam, paradoxalmente, os muros de sustentação de uma abóbada que constitui a conclusão político-social de um pragmatismo materialista. Os adoradores de Mamon incensam a Deus; os adoradores de Deus incensam a Mamon...

São as contradições do regime capitalista, dirá Marx. É a ausência de Cristo nas almas, diremos nós.

* * *

Falemos claramente. O espetáculo que nos oferecem os actuais inimigos do comunismo só produz um efeito em nossa consciência quando ela se levanta em clamor de justiça; esse efeito é o de simpatia pelos comunistas.

Falo com a insuspeição de um homem odiado pelos marxistas, muitas vezes por eles ofendido, injuriado, agredido e considerado como adversário que se deve combater por todos os modos. Falo ardendo nesta chama de fé e amor à doutrina do Divino Mestre, em conseqüência da qual, com fidelidade e constância, venho servindo humildemente a minha Pátria e ao meu Povo. Falo como um observador do que vejo e do que ouço dizer a respeito da degradação que atinge todo o organismo social da nossa terra, desde as repartições públicas, a indústria, o comércio, o ensino, os divertimentos, até ao recesso dos lares, onde se apagam, uma por uma, as chamas da fé cristã.

Que representa o comunismo? A destruição de tudo o que é espiritual, a imposição de-

finitiva de um conceito de vida materialista, a expulsão de Deus das almas, a revogação de todas as regras morais eternas, que pelo seu valor essencial independem das transmutações dos processos de vida determinados pelo progresso técnico.

E, no entanto, que representam os comunistas, levados a tão negra e tão desesperançada convicção dos destinos humanos? Eles representam, inicialmente, uma atitude de revolta contra os que pregam o espiritualismo e vivem o materialismo; e, portanto, abstraindo o seu êrro enorme e catastrófico, não podemos deixar de olhá-los como agentes misteriosos da lógica divina, apresentando-nos, por antecipações, o panorama das consequência fatais a que deverá chegar o epicurismo burguês.

Os comunistas agem sem cessar. A sua bandeira é negra, porque conduz o pensamento nirvânico que circunscreve a existência do homem aos limites curtíssimos do ciclo biológico. É negra porque nos diz que tudo termina na terra, que urge aproveitarmos e gozarmos tudo o que a terra e a carne nos facultam, e que todo o nosso anseio de infinito é pura ilusão. É negra porque se contrapõe como antítese à bandeira branca da Paz, proclamando a luta entre

os homens, fazendo do ódio a sua arma implacável, da violência a sua técnica predileta, da mentira a sua estratégia eficiente.

Atrás dessa bandeira negra, marcham as multidões, em cujos olhares trágicos dir-se-iam refletidos os sinais patológicos denunciadores das agonias do espírito; mas nessas multidões há qualquer coisa de grave e de justo: talvez o impulso inicial que as arrancou da inércia em que jaziam, como um protesto cuja origem mais profunda encontra as suas raizes numa vaga noção das verdadeiras formas do equilíbrio social.

E, enquanto marcham esses sêres humanos, que, à maneira dos descendentes dos imigrantes esquecidos do idioma dos seus antepassados, também esqueceram e perderam, nos escuros caminhos da alma, as divinas palavras da Graça, enquanto êsses nossos irmãos caminham atrás da bandeira negra, que fazem os burgueses?

Os burgueses dansam nos salões brilhantes. Os burgueses exibem toaletes e jóias nos teatros e nas recepções. Os burgueses assistem a corridas de cavalos. Os burgueses jogam, divertem-se, bebem bebidas caras, sentam-se à mesa deliciando-se com os refinamentos que

Brillat-Savarin pôs nos menús segundo as normas estéticas deduzidas da fisiologia do paladar. Os burgueses entregam-se à luxuria: possuem várias concubinas além da espôsa legítima; não se respeitam recìprocamente, quando tratam de conquistar recíprocas mulheres; e justificam tôda a imoralidade dos costumes com os argumentos do progresso e as exigências da vida moderna. Os burgueses deixam-se absorver pelas duas paixões: a do lucro e a do gôzo. Obedecendo cegamente aos ditames desses dois senhores que se reduzem a um só (a concupiscência) movem-se como bonecos humanos, nédios títeres de carne, de onde desertou a flama dos ideais que engrandecem e purificam o homem.

* * *

Alguns se fazem filântropos. E desses poderemos dizer o que Jesus teria dito, segundo as revelações de Catarina de Emerich, aos ricaços de Malep, na ilha de Chipre, censurando-lhes os hábitos de usura e de avareza, bem como "a falsidade de muitos que, praticando obras boas para serem vistos, continuam presos aos bens da terra e aos vícios da carne".

Porque na verdade não faltam, em nossos

dias, aqueles que julgam resolver o problema social com obras de filantropia, mas ao mesmo tempo locupletam-se com lucros ilícitos, multiplicam os havêres mediante negociatas e explorações de tôda a espécie e irritam as multidões pela vida que levam, de requintado orgulho, impudente lascívia, aparatosa ostentação, indiferença pelas dôres ou dificuldades do próximo, humilhação dos que deles dependem, ceticismo em face dos ideais superiores, desprêzo total pela disciplina da própria alma e pelo culto das virtudes cristãs.

São estes e outros aspectos da vida social contemporânea que iremos desenvolver nos próximos capítulos. Tentaremos através da exposição dos costumes e apreciação dos princípios dominantes na mentalidade do nosso tempo. E procuraremos, raciocinando com o próprio leitor, a solução dos problemas político-sociais que nos afligem, a qual solução se encontra (estou disso convencidíssimo) muito menos nas providências de ordem objectiva do que nas atitudes subjectivas de que aquelas imperiosamente dependem.

Si devemos assumir "uma atitude em face dos problemas" como queria Alberto Torres, e si nada poderemos tomar sinão "a verdade co-

mo regra das acções", como demostrou Farias Brito, procuremos as linhas dessa atitude e a luz dessa verdade, na apreciação do meio social em que vivemos para que possamos dele e de nós próprios extirpar o agente mórbido que corroi tôda a força do homem como tôda a força nacional.

II
Duplicidade e transacção

O "espírito burguês", que não é o de uma classe e sim o de uma época, deve ser procurado pelos que pretendem examiná-lo, não em categorias económicas ou sociais, porém nas categorias das almas.

Distingue-se esse espírito, como ficou assinalado no capítulo anterior, por uma preocupação constante dos bens materiais e da satisfação dos sentidos além dos limites traçados pelo equilíbrio moral.

Essa psicologia específica da enfermidade social contemporânea devemos filiá-la, não pròpriamente à concepção materialista da existência, uma vez que, em muitos casos, o indivíduo atacado pelo mal do século conserva a crença religiosa, mas à interpretação materialista da mesma existência no que se relaciona com o gôzo das coisas efêmeras.

O "espírito burguês" caracteriza-se, portanto, por um processo mental mediante cujos efeitos a criatura humana pretende viver, con-

comitantemente, duas vidas distintas e sem nenhuma relação de uma com a outra. Assim, enquanto o "burguês" (e por este nome não designamos apenas os possuidores de bens ou riquezas) confessa a fé num Deus e na imortalidade da alma humana e chega mesmo a aderir, até certo ponto, a alguma disciplina religiosa, estabelece, ao mesmo tempo, uma linha paralela de acção, a qual se funda, exclusivamente, na posse e gozo dos prazeres terrenos.

Uma sociedade puramente materialista não produziria as contradições do mundo burguês. Negando, de modo absoluto, a sobrevivência do homem depois da morte, e restringindo o destino humano aos estritos limites do processo biológico, a sociedade materialista encontraria a forma de equilíbrio num sistema de distribuição dos bens e de satisfação dos desejos, segundo normas decorrentes de postulados científicos assentes nas convicções gerais. Tal distribuição, que feriria de morte a liberdade das pessoas, si a considerássemos do ponto de vista de uma interpretação espiritualista, seria perfeitamente compreendida e aceita por todos os membros da sociedade materialista, como uma intervenção legítima da inteligência humana preocupada em racionar as utilidades e também os prazeres no duplo sentido de dar o máximo

aos indivíduos dentro das possibilidades gerais e da manutenção saudável da coletividade em que eles se integram.

E mesmo que a sociedade materialista fuja ao tipo da que acabamos de representar, abstendo-se da preocupação ética de distribuir com justiça as delícias da terra, ainda assim ela encontraria outra forma de equilíbrio, justificando o domínio dos mais fortes ou mais aptos, consoante as leis selectivas inerentes à evolução das espécies, pois outro não foi o critério dominante na composição das estruturas sociais e económicas assinaladoras do período do desenvolvimento industrial no século XIX.

Esses tipos de sociedades materialistas (o da expansão da coletividade com forçosas restrições ao indivíduo, e o da expansão do indivíduo em detrimento de outros indivíduos e da coletividade) são mais lógicos e menos inquietadores do que o tipo da sociedade burguesa, indefinido e instável.

* * *

A instabilidade, a angústia, as aflições do nosso tempo originam-se do "espírito de transacção" que é uma das características mais notáveis do "espírito burguês".

A burguesia, que começou a florescer no século XVI, mas que adquiriu prestígio político e social depois da Revolução Francesa, trouxe consigo, para o século XIX, dois mundos separados e nos quais ela, incoerentemente, quis viver ao mesmo tempo: o mundo da fé religiosa e o mundo das realizações práticas.

Todo o esforço burguês foi o de isolar, de extremar esses dois mundos para em ambos comparecer com carta de cidadania.

Uma das provas mais eloquentes do que acabamos de dizer está nesta coisa que só achamos extraordinária e bizarra por estarmos também influenciados pelo "espírito burguês": — a classificação de duas categorias de católicos: os simplesmente católicos e os "católicos práticos".

Quero crêr, também, que à proporção que o progresso técnico, o teôr de vida industrial e comercial, social e política e os costumes pertinentes a isso que chamaremos civilização ocidental, foram se extendendo a todas as regiões do globo, começaram do mesmo modo a coexistir "maometanos práticos", "budistas práticos", "shintoistas práticos" e os simplesmente maometanos, budistas ou shintoistas...

Entenderemos por "práticos" os que creem numa religião e cumprem seus manda-

mentos, e por "não práticos", ou "simples", os que apenas creem mas não cumprem o que lhes ordena o seu credo. Esses "não práticos" ou "simples" comparecem eventualmente a actos religiosos (principalmente os de caracter social, como bodas e baptizados, exéquias ou cerimônias comemorativas) e às vezes transformam-se em "praticantes", em caso de doença grave ou perigo de morte. Quanto ao mais, vivem segundo o materialismo do século, gastando todo o seu tempo nos negócios e na fruição dos prazeres.

Mas o espírito de transacção da burguesia vai mais longe, porque entre os que, na religião, se dizem "práticos", encontramos ainda duas categorias: a dos que vivem em contradição com a sua própria prática religiosa, acomodando cá fóra, na rua, na sociedade, na política, no comércio, no próprio convívio doméstico, a sua maleável consciência, de acôrdo com os seus interesses materiais, ou as suas disfarçadas ou até despercebidas paixões.

Marchou assim a burguesia durante o século XIX e esta primeira metade do século XX. E a mesma contradição dos dois mundos que trouxe consigo (o mundo da fé religiosa e o

mundo dos interesses e da sensualidade) veiu determinar novas contradições.

* * *

A primeira foi entre o espírito conservador e o espírito liberal. Tendo a burguesia conquistado, desde a Revolução Francesa, certos direitos e prerrogativas até então inerentes aos aristocratas, entendeu dever conservá-los. Mas, ao mesmo tempo, tôda a prosperidade material da classe burguesa era propulsionada pela progressão do liberalismo, tanto político como económico, e principalmente económico. Ora, deixar agir livremente os fatores económicos era criar condições à revolução social, pois a concentração de capitais e instrumentos da produção nas mãos de poucos, o que se dava em consequência da própria liberdade, faria crescer o número dos pobres, e estes, sendo mais numerosos, poderiam golpear a burguesia como esta golpeara a aristocracia. Nestas condições, entrou o espírito de transacção, que é eminentemente burguês, e a burguesia dividiu-se em "conservadores" e "liberais", partidos que, sob outras denominações mas com o mesmo fundo, foram-se revezando no podêr de modo que, quando se tornava necessário um avanço em favor da

classe dominante, subiam os liberais, e quando se impunha impedir um avanço das classes dominadas, subiam os conservadores.

Nesse jôgo, acabaram os dois partidos confundindo-se pela adoção de princípios e programações quasi idênticos, até ao dia em que o equilíbrio económico-social rompeu-se.

Desde o manifesto de Marx, em 1848, os trabalhadores de todo o mundo começaram a adquirir consciência de classe e a unir-se. Diante do crescimento das organizações sindicais e da larga propaganda anti-capitalista, a burguesia, sempre acomodatícia, tratou de aderir ao movimento e de dirigí-lo. Era mais uma transacção, a qual deu resultados, pois o socialismo materialista, ou melhor, o socialismo científico de Marx, passou a ser dirigido e chefiado pelos políticos burgueses.

Uma parte da burguesia (à que não afastara ainda de si a fé religiosa) não acompanhou a onda, mantendo as suas posições nos partidos agnósticos, sustentando os princípios do liberalismo e da democracia política. Ao separar-se o revolucionarismo socialista (III Internacional) do evolucionismo socialista (II Internacional), a opinião pública do mundo ficou assim dividida:

1) — Corrente materialista dogmática:
a) — comunismo;
b) — socialismo;
2) — corrente agnóstica: democracia política liberal;
3) — corrente espiritualista: democracia cristã.

Sob variadas fórmas de govêrno, as correntes do pensamento político no mundo ocidental e nas regiões por êle influenciadas eram essas.

Mas o caracter acomodatício da burguesia, a sua falta de convicções, a sua incapacidade de lutar oferecem-lhe como técnica, em todos os tempos, a transacção. Vemos hoje a transigência burguesa operar os seguintes movimentos: uma parte dos burgueses agnósticos (liberais e pragmáticos) tendo descoberto que o marxismo pretende, durante algum têmpo, fazer desenvolver o capitalismo nos paises de indústria incipiente, afim de aumentar a proletarização da classe média e atingir a destruição do pequeno capital, resolveu gozar o que poderemos chamar "os últimos dias de Pompéia" e, nessa resolução, vendo-se baptizada pelos comunistas com o pomposo nome de "burguesia progressista", ajuda os seus futuros destruidores, sem nenhuma consideração pelos seus filhos ou netos;

outra parte (cristãos liberais ou — o que Pio IX condenava com tanta veemência — católicos liberais) agindo muito mais por espírito de transacção burguesa do que por espírito cristão, procura exercer uma política de acomodação com os comunistas, o que representa pretender misturar azeite com água.

* * *

E' esse espírito de transacção que observamos nos costumes da sociedade de hoje. A burguesia tudo quer combinar para atingir fórmulas capazes de cohonestar a sua dupla cidadania nos dois mundos opostos. E, como não consegue realizar uma combinação, o que faz é a mistura de tudo. Vem daí a confusão dos nossos dias.

E' muito bom falar em moral cristã, mas essa mesma moral sujeita-se hoje a interpretações ditadas pelo liberalismo e pelo "progressismo". O pai de família, o marido, assim como a mãe de família, a espôsa, querem andar em dia com a moda e com a ciência, essa ciência que, de experimentação em experimentação, a si própria se corrige de ano em ano até de mês em mês. Os professores, os médicos, os publicistas proclamam que a moral não pode impor

regras fixas para todas as épocas e dizem que muitas coisas foram ontem consideradas imoralidade e hoje moralidade, e vice-versa; confundem, dessa forma, o acidental com o substancial, aspectos efêmeros com valores permanentes. Esquecem-se de que os Mandamentos de Deus, que consubstanciam tôdas as leis morais, são eternos e valem para todos os paises do mundo em qualquer tempo e em qualquer gráu de civilização. O homicídio, o roubo, a inveja, a mentira, a cólera, a gula, a luxúria, serão sempre condenáveis, sob qualquer tempo ou país.

Escrevia há dias um professor dizendo que é menos imoral um homem contemplar uma mulher núa na práia do que outro, dos tempos antigos, que se inebriava vislumbrando um palmo de tornozelo feminino numa indiscreta subida do bonde. E' um sofisma grosseiro, pois tanto uma coisa como outra, conforme as intenções dos pensamentos, podem ser imorais, com a agravante, no primeiro caso, de ser imoral tanto o olho malévolo do que contempla, como a atitude daquela que exibe o quadro. Outro mestre afirma que a idéia do furto deve sofrer modificações com o novo conceito de propriedade decorrente do socialismo, o que representa êrro evidente, porque de um falso conceito não

se pode tirar conclusão que também não seja falsa.

Estes e outros modos de interpretar a vida moderna são demonstrações eloquentes da confusão do mundo burguês. Multiplicam-se os pontos de vista e a moral, que varia de mestre em mestre e de interessado em interessado, acaba diluindo-se e perdendo-se nas incoerências da vida contemporânea. Aos que reagem contra tão incongruentes assertivas, chamam retrógrados e saudosistas, como si eles, os tais do progresso não tivessem retrogradado — eles, sim! — às épocas revelhas anteriores ao Cristianismo, quando a mentalidade pagã, exatamente como agora, porém com menos hipocrisia, não tinha conhecimento dos limites exatos do Bem e do Mal.

* * *

Assim vivem os burgueses. E assim querem continuar a viver. Indiferentes a todos os nobres ideais que, entretanto, não condenam, e até admiram, eles não cultivam as virtudes cívicas, nem as familiares, mas, pelo contrário, muito as recomendam. Os seus filhos, no entanto, são educados para serem o mesmo que os pais: gozadores da vida. As suas mulheres fo-

ram preparadas em outro lar burguês para serem o que são e o que querem que sejam as suas filhas: figurantes de festas, de corridas, de boates, com fotografias artísticas nas revistas elegantes. Nada de tradição nacional. Nada de vida cristã. Nada de espiritualidade ou dessa arte sublime de formar o caracter dos futuros chefes e mães de família capazes de transmitir, de geração em geração, o fogo sagrado da sobrevivência de uma pátria digna.

O "espírito burguês" está no cinema, no teatro, no rádio, nas revistas, na literatura, nas artes, nos costumes. É luxo e ostentação; é ociosidade e comodismo; é avareza e cupidez; é ceticismo e moleza; é orgulho e despeito; é sensualidade e luxúria; interêsse mesquinho e oportunismo; é bajulação dos fortes e idolatria pelos ricos e poderosos do momento; é medo das atitudes e terror das responsabilidades.

Tudo o que póde oferecer perigo, tudo o que póde acarretar uma incomodidade, tudo o que póde tirar tempo aos negócios vantajosos, ao conforto egoístico, representa o que há de pior para quem se deixou penetrar pelo "espírito burguês".

Essa a razão pela qual o burguês acompanha sempre quem está de cima, quem lhe pode poupar aborrecimentos, quem pode facilitar um

bom negócio, ou a carreira rápida ou alguma honraria.

O que o burguês deseja é não ser incomodado. E, do mesmo modo como, muitas vezes concorre com o dinheiro para os asilos ou casas de caridade tendo em vista, ùnicamente, tirar dos seus olhos a miséria que lhe desagrade a exibir-se na via pública (o que lhe põe remordimentos na consciência) também é capaz de dar dinheiro ao comunismo, na esperança de que, obtendo o rótulo de "burguês progressista", possa ir passando incólume no meio das batalhas sociais.

* * *

No entanto, sob as aparências dessa beatitude pagã, o mundo burguês é teatro de obscuros dramas e surdas tragédias. São dramas da vida econômica, em que se debatem e se exgotam, premidos por emoções violentas, e angústias esmagadoras, esses herois das batalhas da praça comercial e do foro, das repartições públicas e das carteiras bancárias, com os nervos esfrangalhados e hipertensões arteriais que os estrangulam em paroxismos de distúrbios emotivos e enfartos cardíacos. Ou são tragédias do

mésticas, disfarçadas sob as aparências de uma ostentação brilhante, como a desmoralização de pais perante filhos, ou os escândalos de filhos a arrastar os pais pela rua da amargura das maledicências dos salões.

Esses enredos balzaquianos ou shakeaspearianos, originados de uma causa única — o materialismo grosseiro da vida burguesa — são levados pelo clínicos da moda à conta de desiquilíbrios glandulares ou de explosões de complexos à fôrça compressiva de recalques, justificando-se plenamente os descalabros abstrusos de uma sociedade nevrosada à custa de costumes exitantes e licenciosidades esclerozadoras de condutos volitivos...

Sob um pano de boca onde se pintam delícias pan-sexualistas dos jardins transcendentes do Alcorão, agita-se um inferno dantesco. E esse é o mundo burguês, que se pretende defender rotulando-o com o nome pomposo de Civilização Cristã, contra o comunismo que proclama, afinal, abertamente e lealmente, aquilo que se esconde por detrás das máximas do Marquês de Maricá, abrindo-as, como Epimeteu abriu a caixinha de Pandora, da qual sairam todos os males que se espalharam sôbre a terra.

Na caixinha de Pandora ficou, apenas, no fundo, a esperança...

* * *

E é essa Esperança todo o nosso bem nos dias presentes.

A nossa Esperança é ainda, e será sempre, a possibilidade de contrapormos, ao "Espírito burguês", o "Espírito de Cristo".

Este espírito vive ainda em todo o homem que acendeu em si mesmo a lâmpada sagrada de uma fé dominadora e de uma caridade ativa, utilizando-se, para acendê-la, daquela centelha que foi retirada da infinita e eterna chama do Verbo Altíssimo.

III
O drama comtemporâneo

Espírito de transacção, espírito de acomodação, espírito de transigências absurdas e de tolerâncias indecorosas, — eis o "espírito da burguesia". Ambiguidade e duplicidade, eis os seus métodos. Verdade ideal e verdade pragmática, eis duas amarras a que se prende a sociedade que, em nossos dias, pretende erigir-se em sustentáculo da civilização cristã.

Vimos, nos dois capítulos anteriores, as características principais desse espírito: a transformação dos "meios" em "fins", a coexistência da cidadania em dois mundos opostos, o da virtude e o do vício; o transaccionismo a procurar sonciliar interêsses que repelem.

Falemos agora da passividade, que é um dos mais curiosos traços fisionómicos dêsse espírito de decadência e de aviltamentos sociais.

Insistimos em dizer: o "espírito burguês" não se restringe à classe dominante; extende-se dissemina-se por tôdas as categorias sociais, porque exprime a geral sensualidade que impera

em nosso tempo, como consequência do conforto material prodigalizado pelo progresso técnico.

Na euforia em que se expandem os privilégios e na revolta em que se remordem os menos aquinhoados, o tom geral é o de uma capitulação completa do homem à sedução dos prazeres e à tentação da riqueza.

Dessa forma, sob aparências de rútilo esplendor, não temos uma sociedade de vitoriosos, mas uma sociedade de vencidos.

A derrota da alma foi completa. Derrota da dignidade, do brio, da altivez, do caracter. Derrota da inteligência. Derrota das virtudes. Nada ficou de pé no mundo que se deixou envolver pelo "espírito burguês".

* * *

Seríamos injustos se disséssemos que todos os possuidores de bens de fortuna, todos os que convivem nessa brilhante sociedade de vencidos, estão penetrados por aquele mortal espírito. E seríamos também injustos se afirmássemos que todos os membros da chamada classe média ou das classes trabalhadoras estão isentos daquela conformação psicológica ou daquela atitude mental que distingue o tipo burguês.

Porque se ser burguês é viver uma vida materialista, com os olhos postos ùnicamente nos objetos das ambições vulgares e tôdas as preocupações voltadas para a satisfação dos sentidos, não poderemos dar outro nome a quantos — pobres, remediados ou ricos — esqueceram-se das supremas finalidades humanas.

O "espírito burguês" distingue-se também por uma perda completa da noção dos limites morais. Quem se deixou penetrar dele já não sabe até que ponto pode ir, para estabelecer a linha de equilíbrio entre as possibilidades económicas e o padrão de vida a que se deve restringir. Dessa inconsequência derivam os dramas da classe média e as tragédias suburbanas dos atormentados pelo desejo de exibições ostentadas por toda a sorte de aventureiros e de exploradores de alta granfinagem.

Para chegar aos fins, esses desesperados não consideram os meios. Seja pelas negociatas indignas, seja pela bajulação dos poderosos, seja pela traição a compromissos de honra, seja pela submissão a protetores perversos, seja por qualquer caminho, urge atingir o convívio da

sociedade brilhante, cuja sedução transparece nas crônicas mundanas e nos filmes do cinema.

* * *

Andar depressa, chegar depressa, eis tudo. E os que não conseguem andar rápido nem chegar no mais curto espaço de tempo, tratam de simular uma situação que não corresponde à realidade; e, então, são os íntimos conflitos domésticos dos *deficits* orçamentários, onde pesam as despezas suntuárias em desconformidade com as rendas do emprêgo. É o bovarismo delirante, em que se mesclam o "chic" dos Dâmasos Salcede, o exibicionismo das filhas do Pai Goriot, a boêmia de Manon, o romantismo cínico do primo Basílio, tudo tangido ao ritmo da batuta dos agiotas escorchantes e as aflições quotidianas das espadas de Dâmocles sob a forma de promissórias, cuja lembrança dos vencimentos pôem calafrios nas espinhas cobertas pelas casacas alugadas...

As moçoilas sonham com os triumfos superfinos das estrelas do cinema e do rádio e, para subir a tais alturas, muitas são as que não trepidam em seguir a carreira tão magistralmente descrita pelo escritor Marques Rabelo no seu livro "A estrela sóbe"; ou então boquiabrem-se

de admiração diante das páginas das revistas elegantes, onde fulguram toaletes em salões de alto coturno, com tilintar de taças e risos venturosos.

Outras há que adoram esse feminismo triunfal, que não contente de vencer chefes de Repartição, diretores de Companhias e ministros de Estado com a graça picante das atitudes e olhares nada amanuenses, galgando promoções nos quadros burocráticos, arroja-se também às aventuras dos pleitos eleitorais, premiando-se com respeitáveis cadeiras parlamentares de onde põem em alvoroço as atenções dos legisladores e a curiosidade das galerias. E ainda outras, mais modestas, contentam-se com um bom apartamento, armado de vitrola e farto guarda-roupa, e incursões noturnas nos ambientes crepusculares das boates ao clarão azulado do "neon", cigarrinhos nas pontas das piteiras e cadências langorosas de tangos.

Os rapazes roem-se por automóveis de raça e jantares em restaurantes onde se servem bifes do boi Apis, a julgar pelo preço pelo qual são dignificados. E os que não conseguem esses prazeres dos deuses vão lêr o A.B.C. de Bucarine rebelando-se contra a burguesia gozadora e, se não sabem lêr — mesmo sendo alunos de cursos superiores — contentam-se com os "ba-

te-papos" revolucionários no largo do Machado, ou com a consunção das horas eternamente disponíveis nos teatros freudianos ou nos ambientes baratos em que extravasam os complexos.

Ninguem está satisfeito no mundo burguês. E, entretanto, nessa insatisfação, todos se conformam à fatalidade de um conceito de vida estritamente materialista e gozador. Os pais capitularam. As mães capitularam. Os mestres capitularam. A juventude, na sua maior parte, capitulou. Vivemos numa sociedade de vencidos.

* * *

De vez em quando, como sinal dos tempos, entre conflitos sociais ou conflitos familiares, entre divórcios que se multiplicam e escândalos que servem de pasto à maledicência sádica dos moralistas hipócritas, alguém se atira de um décimo andar, alguém mete uma bala na cabeça, alguém abre o bico de gás e diz adeus à vida.

Por essas frestas trágicas, o leitor dos jornais vê, como num relâmpago, um trecho das desgraças do mundo burguês.

A insatisfação leva ao desespêro. E essa

insatisfação não se manifesta apenas nos que nada têm, ou têm pouco, e tudo querem; manifesta-se, muito mais ainda, nos que tendo tudo, ardem furiosamente em íntimas revoltas pelo facto de a sua capacidade de gozar ser fisiològicamente limitada, em comparação com as possibilidades que o dinheiro faculta.

O dinheiro tudo pode, mas não pode dar ao estômago a faculdade de comer dois jantares. O dinheiro facilita a conquista de muitas mulheres, mas não consegue criar no seu detentor o podêr da ubiquidade, permitindo-lhe, ao mesmo tempo, o usofruto de tôdas as concubinas de um harém. Dessa maneira, os ricos, que se deixaram dominar pelos gozos materiais, sofrem o pior dos complexos, êsse complexo que poderemos chamar "de Cresus". E a revolta das classes médias ou proletárias, pelo facto de não conseguirem atingir a plenitude dos opulentos, não é maior do que a dêstes pelo facto de não alcançarem a plenitude da sensualidade.

Então, esses infelizes procuram, na successividade dos prazeres, o sucedâneo à simultaneidade; vem daí a constante mudança do objectivo sexual, determinando ligações e desligações, casamnetos e divórcios, o que constitui nova tragédia quando ambas as partes, homem e mulher, não estão concordes na separação amiga-

vel. Tais aventuras, muitas vezes, obedecem ao impulso de um capricho ou de um interêsse inconfessável e a vida em comum dos conjuges é secretamente atormentada pelos receios de que o capricho momentâneo que determinou a união seja substituido por outro capricho, que determinará a desunião. E, no meio de tudo isso, os filhos são o que menos importa...

Nessa sociedade, o coração participa como o principal responsável. É à sua insensibilidade, é ao seu egoismo que se devem imputar todos os males do nosso tempo. O coração da burguesia tornou-se um coração de pedra.

* * *

Como professores dessa sociedade corrupta, temos os cientistas da moda. Como laboratório de experiências, temos o cinema e o teatro.

Tudo hoje procura-se explicar pela psicanálise, pelo pan-sexualismo, pelos complexos. As leis morais impostas pela Religião são tidas como compressores nocivos à saúde. A civilização cristã é considerada uma civilização de recalques. A vida cristã é apresentada como um

padrão contrario à natureza. Esquecem-se de que a civilização — qualquer que ela seja — desde que signifique, como a palavra indica, convívio entre os sêres humanos, há de ser, forçosamente, o progressivo predomínio das leis do Espírito sôbre o despotismo dos instintos. Nada melhor evidencia essa verdade do que o facto de hoje os homens sentarem-se cordialmente à mesa e comerem juntos sem que disputem o alimento, como deveria ter sido quando o sêr humano, decaido e asselvajado, travava luta de morte por um pedaço de rena. A convivência social só foi possível mediante as sucessivas auto-repressões exercidas pelo homem sobre si mesmo. Por conseguinte, tudo o que for libertarismo dos instintos atenta contra a civilização, e tudo o que for dominação dêsses instintos eleva o nível da civilização.

Não faltam pseudo-moralistas — dêsses que contestam o valor eterno dos princípios morais — a proclamar que as regras das acções devem modificar-se com o avanço da ciência e os resultados do experimentalismo; e, baseando-se nas hipóteses vigentes como certezas a longo ou curto prazo, fazem-se arautos da

licenciosidade dos costumes, que a burguesia aceita porque o seu espírito é acomodatício.

* * *

A análise das paixões é feita pelo cinema e pelo teatro. O teatro, principalmente, tornou-se hoje o laboratório das torpezas mais torpes. A burguesia leva alí suas mulheres, seus filhos e filhas, púberes e impúberes. Em cena aberta, passam com a maior naturalidade de atitude e de palavras, os adultérios, as perversões e inversões sexuais, os incestos, a luxúria desenfreada. Levou-se recentemente, num dos teatros do Rio, uma peça de tema histórico, em cujo terceiro acto uma das personagens faz a descrição, por meudo e requintes de pormenores, do acto sexual. A pessoa desprevenida, que julga tratar-se de uma representação decente e por acaso convida alguma família para assistí-la, fica na situação daquele Juiz de Menores que, em São Paulo, fez declarações à imprensa, dizendo que teve de retirar-se porque a peça, não sòmente era perniciosa aos não adultos, como indigna mesmo de adultos com algum resto de pudor.

A crítica de imprensa, os pais de família, os governos, a sociedade burguesa enfim, tolera em nosso meio essa espécie de teatro cujas cenas

— para usarmos uma expressão de Fialho de Almeida — fariam corar macacos. Talvez porque entre os macacos ainda não tenham aparecido nem cientistas freudianos, nem fanáticos do liberalismo, como certos cristãos, que combatem todo o princípio da ordem, em nome de um catolicismo liberal que Pio IX condenou tão veementemente.

Nem se pode tomar sinão como espírito burguês de transacção essa atitude de ódio contra todos aqueles que ainda pretendem recompor a ordem cristã na vida pública e política, salvando dessa forma a verdadeira democracia e a verdadeira liberdade em que podem florescer e prosperar as virtudes domésticas e as tradições familiares. Porque o "espírito burguês" também se distingue — sendo dúplice em tudo — pela tolerância mais completa em favor das forças dominantes (ainda que sejam as da desordem e da dissolução) e pela intolerância mais feroz contra aqueles que reagem combatendo o totalitarismo dos costumes e a despótica propaganda das doutrinas deletérias.

* * *

Esse é o quadro geral da sociedade penetrada pelo "espírito burguês". Quadro de am-

biguidades e de confusão, de miséria moral e aviltamento, de tolerância para com o vício, o crime, a desordem, e de intolerância contra os legítimos direitos dos que se batem por um mundo melhor e mais digno.

E' a ausência do "espírito de Cristo", que é, antes de tudo, o da humildade, sem a qual ninguém póde aceitar no terreno familiar, social ou político, uma atitude de obediência aos princípios eternos. Esse orgulho satânico saiu hoje a campo, desfraldando como o fizeram desde o primeiro dia os arcanjos rebeldes, a bandeira de uma liberdade vermelha, de uma liberdade falsa, de uma liberdade que mata a verdadeira liberdade porque escraviza o homem às mais baixas paixões.

Porque o "espírito burguês" é também "espírito de orgulho" e o orgulho tanto ostenta jóias, toaletes, automóveis, cargos, posições, dinheiro, como alardeia idéias, frases literárias, subtilezas filosóficas e gestos de auto-suficiência. E não é, pois, para admirar que, nesse afan de exibição, os qne não se animam a refocilar nos ambientes da luxúria contemporânea batam as asas como pintos calçudos ou arrastem as esporas de galos velhos cucuritando sediços liberalismos com que pretendem anunciar o

advento do sol russo dentro desta noite delirante dos jazz-bands da confusão.

Combater o "espírito burguês" — que é também comodismo, inércia, incapacidade de se elevar a ideais nobilitantes, impotência para caminhar contra a corrente dos erros e o vendaval da loucura contemporânea — significa, antes de tudo, impor-se normas de nobreza tanto na vida particular como na vida pública.

O nosso combate, por conseguinte, deve principiar em nós mesmos. É a revolução interior, que aconselhei sempre desde 1932 e que aconselho hoje veementemente aos brasileiros, se desejam realmente salvar a democracia, vivificar a liberdade, enobrecer a pessoa humana, engrandecer o Brasil, transmitir à posteridade um patrimônio moral com que ela se defenda, se afirme e se engrandeça, realizando a Pátria dos nossos sonhos, que é a Pátria inspirada na lei eterna do Cristo.

II PARTE

Males do nosso tempo

I
Dois mundos no mundo moderno

Os males do nosso tempo se manifestam na coexistência de dois mundos: aquele em que actuam os homens de acção e o outro em que dominam pesadamente os homens da inacção.

O mundo dos primeiros é bem mais reduzido, mas apresenta em seu aspecto geral uma turbulência que advém de um só motivo: o extremismo, que ateia o incêndio das discórdias e atira homens contra homens, até mesmo homens que, aparentemente discordantes, objectivam a mesma coisa.

O mundo dos segundos é muito maior, constituindo imensa massa amorfa, da qual a inteligência desertou, restando uma infeliz multidão de sêres humanos entregues exclusivamente ao govêrno dos instintos.

E o que há de pior, de mais terrível, em nosso tempo, é o seguinte: enquanto o mundo dos homens activos se divide, se esfacela, tornando-se incapaz de comandar a marcha da História, o inerte mundo dos inactivos cresce de

volume e, pelo seu pêso, decide da sorte da Humanidade, que rola para o abismo como um carro sem freio, a despenhar numa ladeira.

* * *

Os homens activos, que transformam pensamentos em sentimentos determinantes de acção, dividem-se, inicialmente, em dois campos contrários: os *afirmativos* e os *negativos*.

Os que afirmam os valores humanos fundamentais e a êles subordinam tôdas as acidentalidades sociais, económicas e políticas. E os que negam aqueles valores e colocam estas acidentalidades como fundamento e objectivo último de suas preocupações.

No entanto, cada um dêsses campos se subdivide. Chamaremos, para caracterizar de maneira mais clara, "espiritualistas" a todos aqueles que consideram o Homem como um Sêr composto de corpo e alma, com uma finalidade extra-terrena, que cumpre atingir mediante finalidades terrenas, as quais, por conseguinte, não passam de meios adequados e indispensáveis para a obtenção do objectivo relacionado com o fim último. E chamaremos "materialistas" a quantos considerem o Homem segundo um, ou alguns dos seus aspectos relativos à tem-

poralidade da sua existência terrena, com exclusão de tudo o que ultrapassa o espaço de uma limitada trajetória meramente biológica.

* * *

Esses dois campos, como dissemos acima, se sub-dividem. Os espiritualistas condicionam a sua fé a disciplinas religiosas diversas, a concepções teológicas diferenciadas de que resultam conceitos morais muitas vezes contrastantes. As estatísticas mostram-nos o espiritualismo fraccionado em numerosas religiões. (1) Dominam grande parte da Asia, o budismo, o bramanismo, o shintoismo, o maometismo e uma minoria cristã repartida entre católicos e protestantes. Essas côres do mapa asiático aplicam-se ao continente africano e às ilhas do Pacífico. A Europa (se considerarmos Europa tam-

(1) — A estatística nos revela os seguintes dados sôbre as religiões no mundo: — Católicos, 398.777.000; Protestantes, 201.868.000; Ortodoxos, 161.305.000; Cristãos Orientais, ... 9.348.000; Israelitas, 16.891.000; Maometanos, 296.177.000; Budistas, 180.990.000; Confucianos, 393.000.000; Xintoistas .. 18.800.000; Hindús, 252.462.000; Animistas e feitichistas, ... 77.742.000.

bém a essa vasta Eurásia, que se estende desde o Vístula e o Danúbio até aos confins da estepe siberiana) divide-se em Ortodoxos, Protestantes e Católicos, aspecto geral da geografia religiosa que se reproduz nas duas Américas.

Mas no que se refere aos Ortodoxos, verificamos uma nova sub-divisão: a dos que mantêm a linha da tradicionalidade cismática, em torno de Constantinopla, e a dos que transigiram aceitando uma posição de mera super-estrutura, segundo a terminologia materialista de Marx, e subordinando-se ao govêrno temporal do comunismo ateu, que domina na Rússia. E, no que se refere aos adeptos da Reforma, o mapa religioso nos oferece as côres mais variadas, com os nomes das numerosas Igrejas e multiplicadas seitas.

Resta o Catolicismo, cuja prodigiosa unidade dogmática e disciplina hierárquica, no que concerne à Fé e aos fundamentos éticos dela decorrentes, não impediu, no relativo ao Social, ao Económico e ao Político, as mais lamentáveis divisões neste desgraçado mundo ocidental.

Abstraindo as religiões asiáticas, que para nós, cristãos, constituem os imensos espaços a iluminar com as luzes do Evangelho, para só considerar o Cristianismo, como base e susten-

táculo da civilização do Ocidente, é com amargura que verificamos a nossa fraqueza, em face do materialismo avassalador, como consequência de falta de unidade, já não dizemos sob o aspecto das diferenciações dogmáticas, mas sob o aspecto das conclusões sociológicas e jurídicas que se embasam nos pontos de Fé comuns, como sejam a crença em Deus e nos dèstinos sobrenaturais do Homem, norteados pelas exigências da lei expressa no Decálogo.

* * *

Se a unidade, não digo espiritual, mas de disciplina dogmática, deixou de existir na Cristandade, a partir do século XVI, não vejo porque motivo não se tenta, pelo menos, aproveitar os valores intangíveis, o denominador comun que ainda póde irmanar, na esfera das actividades sociais e políticas, os que põem tôda a sua fé e tôda a sua esperança em Cristo, Senhor Nosso e Redentor do Mundo.

A necessidade de uma união de todos os que creem em Deus e nos destinos supra-terrenos do Homem, levou o Santo Padre Pio IX a escrever em duas Encíclicas ("Divini Redemptoris" e "Caritate Christi"), veementes apelos a todos os homens espiritualistas do mundo (mes-

mo os não cristãos) para que formem a frente fraterna e activa contra as terríveis ameaças do materialismo avassalador.

Ora, se assim falou o Chefe da Igreja Católica, inflamado pelo fogo da caridade e cheio daquele senso de equilíbrio e de previsão que a sinceridade perfeita infunde, porque motivo, no terreno do social, do económico e do político, não se congregam todos os cristãos, sejam de que formas religiosas forem, para conjurar tão tremenda ameaça que impende sôbre a civilização chamada ocidental?

Mas é justamente aí que, em vez de encontrarmos pontos pacíficos de união, encontram os católicos temas de desunião no terreno do temporal, acrescentando às divisões e subdivisões em que já se encontram os espiritualistas do mundo, mais um lamentável fraccionamento.

Unidos em tudo o que se refere à dogmática, aparentemente unidos em quanto diz respeito à moral, os católicos se separam no que concerne à aplicação dos seus princípios à solução dos problemas sociais e políticos. São dois campos que parecem inconciliáveis. A ambos falta caridade cristã. A ambos falece aquele sentimento de simpatia humana que acende a luz da compreensão e encontra os pontos essen-

ciais de um contacto. E isso constitui um dos males mais atrozes do nosso tempo.

* * *

Examinando, a fundo, a psicologia dêsses dois grupos, podemos a ambos caracterizar como expressões do extremismo, no que esta palavra tem de mais significativo.

Extremar quer dizer afastar, ou afastar-se. E esse afastamento no terreno temporal daqueles que ainda se encontram unidos no mundo espiritual, procede do erro de interpretação das realidades da nossa época e do esquecimento daquele superior bom senso manifestado tantas vezes no curso das Encíclicas.

De um lado, em discordância com os conselhos da "Divini Redemptoris" e da "Caritate Christi" e daquela lúcida clarividência de certos capítulos da Encíclica "Libertas", de Leão XIII, vemos a indiosincracia, ou melhor, a alergia de certos católicos a todo o convívio, no terreno político e social, com os pertencentes à igrejas reformadas, assim como com os espiritualistas de outros credos, em geral. Em contraposição ao espírito benevolente e longânimo da Igreja Católica, essa corrente julga indispensável, ou fácil, excluir da obra de reconstrução so-

cial da Humanidade, todos aqueles que se encontram fóra da grei de Roma e que, entretanto, devemos considerar nossos irmãos, por três motivos: porque são homens como nós; porque creem em Deus e no destino supra-terreno da criatura humana; e finalmente porque, também por eles, foi derramado o sangue do nosso Redentor no Calvário. Essa exclusão enfraquece a cristandade do mundo ocidental, pois mesmo quando o católico, intransigente na defesa das suas verdades dogmáticas, considere um mal a existência de outras confissões religiosas que rejeitem algum ou alguns dos seus pontos de Fé, mesmo assim deveria recordar-se das palavras de Leão XIII, quando diz que, muitas vezes, é preciso tolerar certas coisas que para o católico constituem um mal, e isso "para evitar um mal maior ou para adquirir ou conservar um maior bem" ("Libertas", Cap. 41).

Em contraposição a essa corrente, apresenta-se outra, não menos extremista. É aquela que, alegando o perigo da "temporalização do sobrenatural", execrando tôda imposição de uma fórma católica rígida às construções sociais contemporâneas cai nessa "temporalização do sobrenatural", dando uma preeminência evidente às soluções socialistas ou liberalistas em

detrimento da primordialidade do problema do Espírito.

Essa preocupação do "material", do "económico", do "político", colocada acima de tôda a mística e de tôda a ascética do cristianismo, sofre a inegável influência do materialismo marxista e constitui um dos aspectos mais tristes de um extremismo de esquerda-católica, oposto aos erros de um extremismo de direita-católica, ambos divergentes do centro de equilíbrio e de sabedoria do ensinamento dos Pontífices.

Dessa forma, enquanto uns excluem e rejeitam tôda a participação de não-católicos na obra de salvação urgente dos valores fundamentais do Cristianismo, outros avançam em sentidão contrário e extendem absurdamente a mão aos materialistas dogmáticos, únicos no mundo que, baseados na palavra do magistério hierárquico da Igreja, devem, a todo o transe, ser excluidos de qualquer colaboração com católicos na obra social, económica, educacional e política.

Por mais incrível que pareça, estamos diante de dois extremismos católicos. Digo-o, na dupla qualidade de católico e de chefe de um partido político que apela, não apenas para os católicos, mas para todos os cristãos de tôdas as disciplinas, e até para os que, pelo menos,

creem em Deus e nos destinos sobrenaturais do Homem, no sentido de formarmos uma frente única contra o grande perigo dêste século, que é o materialismo, sob todas as suas formas.

A esses dois extremismos está faltando aquilo que une os homens de boa vontade o espírito de caridade cristã.

* * *

Até aquí, temos estudado, no mundo dos homens activos, o campo em que se encontram os *activos-afirmativos,* denominação que damos aos que consideram o Homem, não sòmente como uma expressão biológica, mas como unidade substancial de uma dualidade consubstancial, ou seja corpo e alma.

Nos dois próximos capítulos, estudaremos, ainda no campo dos homens activos, aqueles que se revelam *activos-negativos,* aos quais classificarei em dogmáticos e agnósticos.

Finalmente, nos capítulos seguintes, tratarei dos inactivos, dos passivos, dos submetidos inteiramente às leis físicas, do imenso rebanho dos amorfos, dos irracionalizados. E' a massa pesada e sombria cuja inércia está decidindo da História nestes tempos de tremenda degradação humana.

II
Os actuantes negativistas

Como vimos, para melhor compreensão do panorama do mundo moderno, classifiquei os homens em duas categorias: a dos *actuantes* e a dos *inactuantes*. Mostrei que, enquanto os primeiros se dividem, subdividem e se esfacelam, os segundos crescem de volume e, pelo seu pêso, pela sua própria inércia , esta imensa massa bruta decide da sorte da Humanidade.

Examinando o hemisfério dos homens actuantes, dividí-o em dois sectores: o dos *afirmativos*, isto é, os que creem em Deus e nos destinos sobrenaturais do Homem, e o dos *negativos*, ou seja os que apenas consideram o Sêr Humano como corpo físico, matéria-instinto.

Analisando o hemisfério dos afirmativos, ou espiritualistas, mostrei como essa parte da Humanidade se acha dividida em numerosas religiões e como estas se sub-dividem nas mais variadas confissões e disciplinas.

Tomando, particularmente, o Cristianismo, cujos princípios formam a base da chamada

civilização ocidental, lamentei as incompatibilidades que separam os cristãos impedindo-os de agir no sentido comum de se contrapôrem à onda avassaladora do materialismo contemporâneo, pelo menos no campo das actividades sociais e políticas. E, apreciando, de modo mais particular os católicos, pus em evidência o gravíssimo perigo que representa o facto de se encontrarem estes fraccionados, no que concerne ao temporal, por duas espécies de extremismo: o que chamaremos "da direita", o qual exclui tôda e qualquer colaboração social e política com os cristãos de outras disciplinas e com os espiritualistas de outras crenças, e o que chamaremos "da esquerda", o qual, pondo de lado todos os elementos de união baseados em valores espirituais, propõe-se a um entendimento utilitarista, pragmático, oportunista, com os adeptos das doutrinas materialistas, visando atingir a supostos bens materiais, o que constitui inegável capitulação ao conceito marxista da sociedade e da história.

* * *

Assim dividido, subdividido, fraccionado, esfacelado, o mundo dos homens espiritua-

listas não constitui uma fôrça capaz de barrar, com a muralha de uma fé comum, o dilúvio moral, que desaba sôbre a Humanidade, destruindo tôdas as categorias de valores em que assenta a civilização inspirada pela crença em Deus e nos destinos eternos do Homem.

Não se pode negar que, nessa região humana dos homens actuantes, haja trabalho, esforço, angústia, em face da catástrofe que se avizinha; mas o que se não pode deixar de concluir é que, dessa forma divididos, os lutadores abrem centenas de brechas, por onde entra o inimigo comum. Enfraquecem-se, aniquilam-se, destroem-se os homens actuantes do mundo afirmativo, do mundo espiritualista. Gastam os seus esforços mais em atacar-se recìprocamente do que em combater o adversário que a todos pretende aniquilar. Nesse afan, não faltam aquêles que, estendendo a mão a esse mesmo adversário, materialista, ateu, negador, cuja doutrina foi chamada "intrìnsecamente perversa" (Pio XI, "Divini Redemptoris") e "contrária ao direito natural" (Pio IX, "Qui pluribus"), negam, entretanto, aos seus irmãos em Cristo o mínimo gesto de compreensão e de caridade.

Desagregando-se, portanto, dia a dia, o exército de Deus, êle vai perdendo terreno à avançada dos homens *actuantes-negativistas*,

cujo pensamento domina, cada vez mais, o século que vivemos.

* * *

Para sermos exatos em nossas considerações, não podemos afirmar que êsse mundo dos actuantes-negativistas se manifeste em unidade de acção.

Também o mundo dos que negam a Deus e ao destino eterno do Homem está dividido. Mas essa divisão, por paradoxal que pareça, representa uma soma de esforços. A desagregação é unidade. A desunião é união. Todos os choques aparentes realizam-se no sentido de objectivar um só fim.

E' fácil compreender contrapondo-se duas imagens expressivas: a de uma casa em construção e a de uma casa em destruição.

A construção de um edifício exige uma planta, um processo metódico, uma harmonização de serviços tendentes à mesma finalidade. O pedreiro, o serralheiro, o carpinteiro, o eletricista, o estucador, o vidraceiro, o pintor, exercendo cada qual a função que lhe é propria, obedecem a um só pensamento: aquele que o arquiteto exprimiu sôbre um papel. Se houver, por conseguinte, desunião, desenten-

dimento, pretendendo cada qual interpretar o seu modo as determinações do engenheiro, o prédio jamais poderá ser construido. Aquí, a desunião é realmente desunião.

Ao contrário, a destruição de um edifício póde efetivar-se de mil maneiras e sem nenhum plano comum preconcebido. A canhão, a dinamite, a golpes de malho e picareta, com água ou com fogo, o prédio vem abaixo sem que para isso haja necessidade de uma perfeita harmonia dos agentes da sua derrocada. E se se trata de saquear uma residência, tudo aquilo que levou anos a ser reunido e composto com gôsto estético, desaparece no frenesí do assalto,levando cada assaltante, o objecto que mais lhe apetecer, não precisando que os ladrões estejam unidos por um plano comum, porém até pelo contrário, sendo vantajoso à rapidez do roubo, que cada qual trate de se locupletar o mais depressa possível, uma vez que a classe é desunida . . .

Verificamos, portanto, que a desunião, quando se destrói, constitui verdadeira união. Lògicamente, o mundo dos negativistas-operantes, contraposto ao mundo dos actuantes-afirmativos, apresenta garantia de sua própria unidade no espírito de fragmentação em que se expressa.

Há, portanto, unidade de acção destrutiva em face de uma diversidade de acções construtivas, que se anulam.

* * *

Dividirei o mundo dos homens que negam, em duas áreas: a dos materialistas dogmáticos e a dos materialistas agnósticos.

O dogmatismo materialista, conforme observou o Padre Leonel Franca, assumiu, pela primeira vez na História, o caracter de ateismo militante, com o advento do marxismo. Realmente, o que, antes de Marx, era apenas propaganda filosófica ou literária, assumiu, no socialismo dito científico, o caracter de uma acção sistemática. Em 1844, Marx escrevia na sua "Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel": "A abolição da religião como felicidade ilusória do povo exigida pela sua felicidade real, é indispensável".

Essa prescrição é confirmada por Vandelverde, em seus "Ensáios Socialistas" e por Bauer, que recomenda "respeitar o culto mas atacar os seus ministros". Fundado na mesma concepção materialista de Fuerbach e de Marx, Zinovief, quando presidente da III Internacional, em 1923, dizia: "Nosso programa é basea-

do no materialismo científico, que inclui, pura e simplesmente, a necessidade de propagar o ateismo". Punha em acção, dêsse modo, o pensamento de Lenine, quando disse: "A religião é o òpio do povo", e as idéias de Krupskaia, quando escreveu: "É necessidade imperiosa que o Estado retome sistemàticamente a sua acção anti-religiosa entre as crianças. Devemos tornar os meninos e meninas, não apenas anti-religiosos, mas activa e apaixonadamente anti-religiosos". Nem foi senão em obediência a êsse programa ateista que Lunacharsky, ministro da Instrução Pública dos Sovietes, declarou: "Nós odiamos o cristianismo e os cristãos". E é ainda no sentido de transformar o ateismo em acção que no Programa Internacional Comunista se lê: "Entre as tarefas da revolução cultural, que deve abranger as maiores massas, ocupa lugar especial a luta contra o ópio do povo, a religião; essa luta deve ser levada a cabo, sem desfalecimentos".

O dogma do materialismo, ou seja a negação da existência de Deus e da alma humana constitui a base do socialismo da I, da II e da III Internacional. Divergindo quanto aos processos de acção política, essas formas do socialismo constituem uma perfeita unidade ateista. Os socialistas chamados utópicos, da escola

francesa, anteriores a Marx, são, por assim dizer, agnósticos; mas desde que, apoderando-se dos princípios do materialismo científico e do processo dialético do idealismo hegeliano, surgiram os novos teorizadores da doutrina coletivista, o socialismo assumiu uma atitude de ateismo dogmático.

É interessante observar que tôdas as fórmas do socialismo dito científico, desde o Manifesto de Marx até ao Congresso de Zimmerwald, onde Lenine lançou a III Internacional, e desde então até à divergência de Trotzky-Stalin, de que virtualmente saíu uma IV Internacional contra a ditadura stalinesca, tôdas essas formas divergentes confluem hoje no mesmo leito histórico, onde podemos vêr uma V Internacional sob a égide do Cominform.

* * *

Até Zimmerwald, todos os socialistas se submetiam a Marx, ao seu evolucionismo e à sua dialética, tanto aquele como esta exprimindo a aceitação de um fatalismo materialista mediante o qual tôda interferência humana no sentido de acelerar o processo histórico do desenvolvimento dos fenómenos económico-sociais não ia além de certos limites condicionados à

própria lei natural. Mas, naquela localidade suiça, Lenine engendra um expediente novo, não já de aceleração do ritmo histórico, mas de precipitação dos acontecimentos e de aproveitamento e coordenação de fôrças destruidoras da ordem social vigente, as quais, alheias embora aos propósitos nìtidamente socialistas, servem de instrumento ao objectivo do socialismo. Nasce o socialismo revolucionário, abandonando a linha do socialismo evolucionista: é o bolchevismo, que, em confirmação aos seus próprios princípios, vai actuar justamente no país menos apto do ponto de vista do marxismo, ao advento do Estado Colectivista.

Actua e vence. O seu processo é absolutamente russo. Não o podem compreender os socialistas da Europa Ocidental, onde a concentração das indústrias torna evidente o processo da evolução capitalista, operando a gradativa proletarização dos menos favorecidos na luta da concorrência e o enfraquecimento progressivo dos detentores dos meios de produção, por se tornarem, cada vez mais, uma minoria em face da grande maioria dos assalariados. Para esses socialistas, bastam as sucessivas reformas, a agravação das crises económicas, para que se acelere a marcha da socialização, efectivada primeiro pelo próprio sistema capitalista e, final-

mente, completada pela estatização total do aparelhamento económico. Mas Lenine, ou a Terceira Internacional, abandonando a linha clássica do socialismo marxista, servem-se de todos os elementos destruidores da ordem que se pretende derrubar, ainda mesmo dos inimigos do socialismo, esses liberais-democratas, que afinal de contas são preciosos inocentes úteis para constituirem a vanguarda de uma revolução cujos proveitos caberão a uma retaguarda activa e inteligente. A guerra primeiro, depois a revolução burguesa de Kerenski, finalmente a desordem implantada por mencheviques, sociais-democratas e cadetes, são o instrumento de que o bolchevismo se serve para implantar, não o socialismo clássico, mas uma ditadura feroz. "Que os nossos próprios inimigos" — dizia Lenine a Gorki — "nos ajudem a levar a cabo uma revolução que dominará o mundo como uma onda devastadora de sangue".

* * *

Assim foi implantado o bolchevismo na Rússia por uma reduzida minoria que se aproveitou das insurreições desordenadas de uma maioria inconsciente. Implantado o regimen férreo, sobreveiu, após a morte de Lenine, a di-

vergência entre os seus discípulos. Pretendia Trotzki desencadeiar, desde logo, a revolução mundial; entendeu Stalin que, antes de mais nada, cumpria criar e fortalecer o regimen na Rússia, para que servisse de base àquela revolução internacional. Pode-se dizer que, dêsse desentendimento, nasceu uma Quarta Internacional, ou o trotzkismo. Mas Stalin, fiel à linha oportunista da Terceira Internacional, tratou de fortalecer o regime totalitário russo. Planos quinquenais, industrialização do país, armamentismo, expurgo no próprio partido comunista, medidas e atitudes habilidosas no convívio internacional para captar a confiança do mundo capitalista do ocidente e tranquilizar os Estados Democráticos, tudo foi posto em prática, até ao momento em que a obra de politização das massas, dentro de tôdas as nações, mediante a obra incessante do Comintern, evidenciou a necessidade de uma guerra da qual resultaria o clima propício à revolução universal.

E, do mesmo modo como a Alemanha de Guilherme II foi o trampolim de que se serviu Lenine para operar a destruição da Rússia Cesarista, também seria a Alemanha de Hitler que serviria de instrumento aos objetivos da revolução mundial bolchevista. Para isso, Stalin sacrificou o partido comunista alemão, favore-

cendo o advento do nazismo, pois sendo este um partido militarista, baseado na doutrina do racismo e da conquista do espaço vital e, além do mais, uma expressão dos ressentimentos pela derrota de 1918, certamente desencadearia a guerra, tão necessária à revolução mundial comunista.

Quando o nazismo foi elevado ao podêr e principiou a sua política armamentista e de preparação ostensiva para a guerra, o Comintern passou a agir nas Nações ocidentais, formando nelas as frentes populares e tôda uma rede de comités anti-fascistas e anti-guerreiros. Preparou a psicologia de guerra em nome de aspirações de paz. Era preciso (ensinava Moscou) destruir as nações guerreiras, conquistando a paz do mundo por meio de uma guerra. Foi nêsse sentido que se desenvolveu a acção de Litvinof, ministro do Exterior da U.R.S.S., enquanto Molotov — amigo dos nazistas e negociador das eleições que elevaram Hitler ao podêr — actuava junto ao Reich, animando-o a empreender a conquista da Europa. E, finalmente, quando a atmosfera estava carregada de eletricidade belicosa, foi assinado o pacto germano-soviético, ou Ribentrop-Molotov. A guerra, agora é certa e iminente. De facto, nem secou a tinta com que os dois totalitarismos subscreveram o famoso pacto e já troa-

vam os canhões germânicos ao mesmo tempo em que o exército vermelho invadia a Polónia, cujo território era dividido entre as duas Ditaduras. A êsse tempo, os partidos comunistas de todos os paises favorecem ao nazismo, sabotando o esforço de guerra da França e da Gran Bretanha, porque o objectivo do Comintern é deflagrar a guerra universal como prelúdio da revolução comunista em todo o mundo. O próprio Stalin, no discurso que pronunciou e foi irradiado em tôdas as línguas, logo que estalou o conflito na Polónia, declarou abertamente que "esta guerra não passa de mais uma etapa da revolução mundial do socialismo".

Derrotadas a França, a Bélgica e a Holanda, o nazismo põe em perigo tôdas as democracias ocidentais, como previa e desejava o Comintern. Era indispensável que os Estados Unidos interviessem no conflito, para salvar o que ainda restava das liberdades democráticas, recuperando em seguida o terreno perdido. E quando a grande Nação Americana, interpretando a própria consciência jurídica dos povos do Novo Mundo, entra no conflito, com todo o potencial dos meios materiais e da fôrça do seu espírito, eis que o Comintern (sempre seguindo a lição de Lenine quando dizia a Gorki que os seus próprios inimigos deveriam trabalhar para

êle) muda repentinamente de tática e opera uma translação violenta, lançando a Rússia contra o aliado e sócio na conquista da Polónia.

O expurgo no seio do partido comunista russo em que foram eliminados todos os suspeitos de ligação com Trotzki, entre esses Bucarine, Zinovief, Riazanow, e o próprio assassínio daquele lider no México, a mando de Stalin, haviam destruido os dirigentes da IV Internacional. Dessa forma, terminada a guerra com a derrota dos paises do Eixo, e tendo chegado o momento de pôr em execução o pensamento de Trotzki, isto é, a revolução mundial, encontra-se Stalin sòzinho no comando das fôrças socialistas.

O Comintern, representativo da anti-tese oposta à tese de Trotzki, isto é, do socialismo-nacionalista da Nep, do Plano Quinquenal, do Stakanovismo, amplia-se e apodera-se do programa de Trotzki, ou da IV Internacional, constituindo uma verdadeira Quinta Internacional, onde se fundem, na síntese do Cominform, tôdas as Internacionais anteriores.

Estamos, na realidade, em face de uma Quinta Internacional, comandando a luta do ateismo militante, do materialismo dialético, da destruição da ordem social baseada nos valores do espírito. Nem foi por outro motivo que, já

nos últimos dias da ocupação nazista na França, os comunistas daquele país recebiam ordem para estimular a fundação do Partido Socialista Francês (idêntico em programa aos Partidos Socialistas de todos os paises após a última guerra) afim de que fossem captados todos os elementos que, por qualquer motivo, não pudessem ou não quisessem ingressar no Partido Comunista, inclusive aqueles mesmos comunistas destacados para constituir o govêrno secreto de tais Partidos Socialistas, alguns até mesmo se declarando cristãos e católicos... Por outro lado, os trotzquistas, não possuindo chefes internacionais, e verificando que a III Internacional evoluia no sentido da adopção da tese de Trotzki (a revolução mundial) passaram a colaborar activamente com Moscou na luta contra os inimigos comuns, ou seja todos aqueles que se insurgem em nome do Espírito para impedir o domínio do materialismo avassalador.

Verificamos, portanto, que, no que concerne ao materialismo dogmático, existe unidade de acção, a contrapor-se à desagregação do mundo espiritualista, ou seja dos actuantes-afirmativos.

Vejamos, agora, o que se passa na zona dos materialistas agnósticos.

III

A acção neutralizadora dos agnósticos

Examinámos, no capítulo precedente, o mundo dos materialistas dogmáticos, constituído pelos socialistas das diversas internacionais. Mostrámos como, aparentemente desunidos, manifestam-se, quanto à acção destrutiva da ordem cristã, absolutamente unidos. Todos partem da negação de Deus, da negação do Homem como corpo e espírito; todos objectivam o mesmo fim: a anulação da personalidade humana, a construção de uma sociedade baseada no colectivismo.

Esses materialistas dogmáticos teem como vanguarda tôdas as formas do socialismo evolucionista ou reformista, e como retaguarda o socialismo revolucionário, também conhecido pelo nome de comunismo. Mas essa retaguarda, que espera a oportunidade histórica para assumir a chefia dos acontecimentos, utiliza-se dos materialistas-agnósticos, isto é, daqueles que, sem fazer praça de uma negação absoluta, operam no sentido de destruir todas as estruturas do mundo espiritualista.

Mais numerosos do que os actuantes-negativistas do materialismo dogmático, os agnósticos preparam o terreno, criam a atmosfera propícia à ofensiva daqueles.

* * *

São os homens imparciais, os homens-tipo da mediocridade, os homens que consideram o Bem e o Mal com iguais direitos.

Não querem jamais se comprometer. Amam as linhas médias, as posições intermediárias. Detestam as personalidades intransigentes. Consideram anormais, agitados, talvez desequilibrados aqueles que emitem opiniões com desassombro e sem temer consequências.

Nunca se apaixonam. Nem pelo Mal, nem pelo Bem. Tudo o que ultrapassa os limites das medianias, é qualificado por êles como exageros.

Se escrevem, o seu estilo é prudente, apresentando as frases escorreitas e expungidas de qualquer nota muito viva ou de qualquer expressão audaciosa.

Ao materialismo dogmático, êsse materialismo corajoso que vai às negações definitivas, o agnóstico chama teoria audaciosa; ao espiri-

tualismo afirmativo, chama de intolerância religiosa.

Ama reunir-se em associações neutras, sem côr, sem tonalidades excessivas de caracter: sociedades científicas, literárias, artísticas, beneficentes, esportivas, em cujos estatutos esteja escrito: "É vedado aos sócios discutir política ou religião".

Mas, se por acaso, o agnóstico, por interêsses pessoais, precisa fazer política, prefere sempre os partidos moderados, dêsses que não criam inimigos, desses que podem entrar em acôrdo com qualquer outro partido, ou mesmo dissolver-se sem que ninguém dê por isso.

Fazendo a sua política, invariàvelmente oportunista, o agnóstico jamais se extrema e, como ninguém advinha o dia de amanhã, cultiva cordiais amizades com os membros dos partidos adversários. Não se trata, entretanto, dessa amizade cristã que devemos fraternalmente a todos os nossos semelhantes; trata-se de uma amizade calculada, fria e precavida como uma cautela de seguro.

* * *

O agnóstico respeita sempre as opiniões alheias. Não porque pretenda que a sua pró-

pria opinião seja também respeitada, mas porque, a respeito de tudo, ele nunca possui opinião alguma.

Esse vasio de opiniões é o fundamento da sua filosofia e o aspecto tranquilo do seu estilo de vida. Não crê, nem deixa de crêr em Deus. Quando se refere a êsse tema, prefere dizer: "Há eminentes sábios que acreditam na existência de um Sêr Supremo, mas há também ilustres cientistas que consideram tal crença uma simples superstição; quanto a mim, prefiro não me pronunciar, porque faltaria à verdade se Deus não existisse e igualmente deixaria de ser verdadeiro se Deus existisse, conforme eu afirmasse ou negasse".

Dessa forma, o agnóstico repudia tanto a educação religiosa, como a educação materialista; a escola deve limitar a sua instrução até ao ponto em que esta possa ferir as tão variadas convicções que se manifestam no mundo.

Nada de se perguntar o porque das cousas. Nenhuma palavra incomoda mais o agnóstico do que a palavra "porque". Se êle tivesse alguma opinião, opinaria no sentido de que esse vocábulo fosse suprimido dos dicionários. Mas

isso já seria uma atitude arbitrária, que poderia ofender o pensamento alheio...

* * *

Realiza-se no homem agnóstico um complexo de estoicismo e de epicurismo. Sofre o mundo, como é, sem desejar que fosse de outra maneira; e goza o mundo como realidade tangível, tirando dele o melhor proveito que puder.

Não reage, por conseguinte. Detestando tanto a reacção como a revolução, opta pela evolução. Não afirmará que o evolucionismo seja a última palavra em ciência ou filosofia, porque todos os dias estão aparecendo novas idéias, novas experiências, novos sistemas, e pode ser que alguma teoria ainda não conhecida seja aceita pelos que mais sabem; mas, na prática, vai vivendo segundo o mundo evolui, pois esse é o critério mais sensato e menos aborrecido.

Esse evolucionismo tácito transforma-se em fatalismo inerte. "Tudo vai bem, como tem de ser", diz o filósifo da anti-filosofia. E, assim dizendo, o mundo pode vir abaixo, que o estoico-epicurista não se altera.

No fundo, é um cético tranquilo. Venha alguém falar-lhe em perigos que o ameaçam,

ou que ameaçam a sociedade a que pertence, ou venha a dizer-lhe que a catástrofe se aproxima. Ele responderá com um fino sorriso ao canto da boca: "tudo isso é exagero, acalme os nervos, o diabo não é tão feio como o pintam..."

* * *

O agnóstico assistirá de pijama, refestelado em sua poltrona, a fumar um charuto junto à janela, o incêndio da cidade, dizendo que o fogo ainda está longe da sua casa e que dentro de poucas horas os bombeiros extinguirão as labaredas. E diz isso, não por acreditar nos bombeiros, mas porque não acredita na extensão do incêndio, uma vez que ainda não chegou ao seu quarteirão. E quando a sua própria casa estiver queimando, então dirá "é possível que a minha casa esteja a arder", porque o agnóstico só crê no fogo quando abraza o seu corpo e, assim mesmo, pergunta se por acaso aquilo não será uma ilusão dos seus sentidos.

O agnóstico desconfia do seu relógio, do seu barômetro, do seu termômetro, dos seus amigos e de si mesmo. Mas aceita a todos e regula-se por eles, porque é preciso acatar o que se convencionou.

Respeitador das leis vigentes, adora as

Constituições promulgadas ou outorgadas, mas se amanhã outras leis e outra Constituição vierem substituir as primeiras, dirá que talvez as outras não fossem tão boas como estas, sôbre as quais, entretanto, não formulou ainda nenhuma opinião.

Em matéria de jornais, prefere os de mais ampla circulação, porque havendo maior preferência anda o agnóstico em maior probabilidade, não de estar certo, mas de, pelo menos, errar com maior número de cabeças.

Pelo mesmo motivo, no tocante a livros, decide-se pelos que andam mais em voga, mais festejados pela crítica e mais circulantes em copiosas edições. Quanto aos textos, não importa. São todos respeitáveis, quando bem escritos: a "Imitação" de Kemps, ou o "Satiricon" de Petrônio; a "Suma" de Santo Tomaz, ou o "Capital" de Marx; os poemas de São João da Cruz ou as poesias eróticas de Aretino.

* * *

A liberdade de consciência e de expressão, de livre propaganda de quaisquer idéias, não tem, para o agnóstico, o significado cristão do respeito ao Homem, significado que exige o res-

peito do autor pelo leitor e do propagandista pela sociedade.

Para o agnóstico tôda limitação é exagêro de intransigências reacionárias, e assim pensando, cai, incongruentemente no exagero extremista da deslimitação. Mas não o faz pelo facto de preferir o ilimitado, mas porque todo limite exige uma definição e o agnóstico tem horror de definir-se.

Jamais expende um pensamento próprio. Em assuntos mais elevados, cita escritores; em assuntos corriqueiros, cita o vizinho, o barbeiro, a criada. Ele ignora tudo. "A terra gira em torno do sol, dizem os astrónomos"; "a lei do orçamento foi votada, dizem os jornais"; "o João foi para Minas, diz o meu barbeiro".

O traço característico do agnóstico é a transigência. A sua atitude, a do menor esforço. Por isso mesmo, o seu tabú é o respeito absoluto a todos os actos humanos, tanto bons como máus, principalmente quando esses actos são apoiados por maiorias incontestáveis de votos, ou pela fôrça coercitiva do podêr, caso em que as maiorias são perfeitamente dispensáveis.

O agnóstico não gosta de dizer "sim" nem de dizer "não". Também essas palavras deveriam ser eliminadas dos dicionários. Porque são importunas. Obrigam a definições inconvenien-

tes e prejudiciais. O têrmo mais agradável ao agnóstico é "talvez". São seis letras em que cabe tudo e que tem a virtude de não comprometer.

Muitas vezes, por fôrça das circunstâncias, é preciso dizer "sim", ou dizer "não". Mas o agnóstico logo destempera a afirmativa ou a negativa, adotando teòricamente o "sim" e pràticamente o "não" e vice-versa.

Nada lhe é mais suave nem mais tranquilizador do que a expressão "mais ou menos". A cruz da soma e a trave da subtração formam o conjunto mais cômodo e mais prudente do mundo. Mas, entre as notações gráficas, há também as suas preferidas: a reticência e o ponto de interrogação.

* * *

No transcurso do dia, o agnóstico ama o crepúsculo; dentre as côres, opina pelas intermédias; e a música que lhe apraz é a música de câmara. Porque odeia a luz excessiva e a treva total, as côres vivas e as sinfonias clamantes. Irritam-no os ângulos agudos, os sustenidos, os pontos de admiração, as lanças em riste, os cavaleiros audazes, os gênios deslumbrantes, os gritos de guerra e os poemas épicos.

Não gosta das águias porque voam muito alto; repugnam-lhe as montanhas porque tocam as estrelas; odeia os abismos porque são profundos; maldiz os grandes gestos heróicos porque contrariam o sentido horizontal da sua vida medíocre.

O seu terreno é o lugar-comum, o seu bordão é a frase feita, a sua atmosfera é a do facto-consumado. Não é capaz de crimes nem de virtudes, não pratica o mal nem o bem. Seu clima é a omissão.

A omissão e a submissão. Porque os ventos dominantes o conduzem, sem bússola e sem leme.

Submete-se e facilita a submissão da sociedade em que vive, ou para melhor dizer, em que vegeta.

Amou tanto a sua racionalidade, que se tornou irracional. Foi tão prudente que se fez imprudente. Foi tão cauteloso que se deixou envolver e imobilizar em definitivo. E, desejando nem afirmar, nem negar, acabou negando-se a si próprio.

Serviu a Deus e a Mamon, sem acreditar nem no primeiro nem no segundo. E julgando servir ao Bem e ao Mal, serviu sòmente ao Mal,

dando-lhe livre passagem e facilitando-lhe seus tenebrosos intuitos.

* * *

Esse é o homem-agnóstico. Esse é o mundo agnóstico de que se servem os materialistas dogmáticos para lançar tudo na escuridão. Esse é o mundo onde vive a maioria dos políticos, dos escritores, dos professores, de todo homem que quis ser imparcial, que julgou elegante e cômoda a atitude da neutralidade, que se tornou, por isso, a patrulha avançada do exército cruel dos sem Deus.

Pertencem, também, à família dos actuantes-negativistas e são mais materialistas do que os própios materialistas dogmáticos. Porque estes rendem uma homenagem à afirmação combatendo-a, ao passo que os agnósticos procuram humilhar a Fé que palpita no coração dos Homens, desconsiderando-a com o mais orgulhoso dos desprezos.

Na vida nacional dos povos e na sua vida internacional, mais do que os materialistas dogmáticos, são os materialistas-agnósticos que aparecem, tomando as rédeas de um mundo desesperado.

Tomam-nas, friamente, sem emoção, sem

inquietações, sem angústias. E conduzem o carro desmantelado da Civilização para os pântanos mortais que lasceram corrosivamente a paisagem do Século.

* * *

Aquí terminamos a trágica descritiva do mundo dos homens actuantes; vimos nos capítulos precedentes os *actuantes-afirmativos* extremamente dividos e sub-divididos; vimos os actuantes-negativos-dogmáticos, apresentando uma unidade de acção incontestável, e vimos hoje os *actuantes-agnósticos,* agindo em função dos *negativos-dogmáticos.*

Veremos, no capítulo com que iremos encerrar estas considerações sôbre os males do nosso tempo, o mundo dos inactivos, o mundo inerte que, afinal, é o que decide, pelo seu pêso brutal, da marcha acelerada da História nos dias que vivemos.

IV
O Espírito e a Massa

Eis, finalmente, a grande massa informe, aquela massa onde, ao ritmo uni-sonante dos hábitos gerais e dos comuns desejos, o ente humano perdeu seus traços peculiares.

Ali já não existe o que chamamos Povo, isto é, a associação das pessoas distintas, cada qual conservando o seu próprio caráter, cada qual constituindo um centro de interesses e, ao mesmo tempo, harmoniosamente, gravitando segundo a atração dos grupos naturais que se formaram em consequência da necessidade de expansão e afirmação legítima do Homem.

Na massa é tudo descategorizado. O sistema dos seus movimentos baseia-se no feroz individualismo que, fazendo taboa rasa dos deveres de cada Sêr Humano em relação aos grupos deste mesmo originados, transformou-se no egoismo cruel em busca da satisfação plena dos instintos libertados de tôda norma ética.

Mas esse individualismo, atingindo o seu máximo grau de expansibilidade, rarefez-se, misturou-se e combinou-se, com todos os indi-

vidualismos, produzindo um novo corpo, um novo sêr, de propriedades inteiramente diversas dos elementos que lhe deram expressão. Esse novo corpo, ou novo sêr, é a massa. A massa, que suprime a co-existência dos movimentos autônomos do Homem, da Família, do Grupo Profissional, do Município, da Nação, da Sociedade Religiosa, para fazer imperar, exclusivamente, um único movimento, que é o próprio movimento do Sêr-Plural, estúpido e inconsequente.

A massa move-se. Sem consciência. Sem destino. Sem auto-direção. Ao passo que o Povo, segundo os específicos anseios das categorias de que se compõe, é capaz de determinação subjectiva, que se manifesta em actos conscientes de expressão obejectiva, a Massa desconforme e disforme submete-se a determinações externas, por ser incapaz de gerar, por si mesma, qualquer movimento.

A fusão de todos os individualismos egoisticos e anti-naturais opera-se pela descombinação dos grupos em que se exprime a personalidade do Homem. E toda a vez em que a Massa começa a existir, o Homem perde a sua existência real, como sêr dotado de racionalidade e de poder deliberativo.

Inteligência e Vontade, eis os dois termos que não podem existir na Massa. Porque são incompatíveis com ela.

* * *

Nos capítulos anteriores temos demonstrado que o mundo de hoje está dividido em dois campos:

a) — dos homens atuantes;

b) — dos homens in-atuantes.

Mostrámos como o hemisfério dos homens atuantes se subdivide em:

a) — atuantes afirmativos;

b) — atuantes negativos.

Estudando o sector dos "atuantes-afirmativos", considerámos como tal todos aqueles que creem em Deus e na existência da Alma Humana, afirmando o Homem Integral, isto é, Corpo e Espírito, e o seu Destino Integral, ou seja o temporal e o eterno.

Mas, com amargura, observamos que essa quarta parte da Humanidade está dividida em numerosas concepções e disciplinas religiosas (bramanistas, budistas, maometanos, cristãos, fraccionando-se estes em grego-cismáticos, protestantes e católicos, e sub-fraccionando-se os gregos-cismaticos em russos e gregos, assim co-

mo se multi-fraccionam os protestantes nas mais variadas seitas) Lamentámos que, do ponto de vista social-político, ao menos, não se realizasse a frente única de todos os espíritualistas, consoante o apelo de Pio XI, na sua Encíclica "Caritate Christi" e puzemos em destaque a maior das desgraças do mundo ocidental que é a divisão dos católicos, no que concerne ás soluções dos problemas temporais que tão diretamente se relacionam com a vida espiritual das pessoas e dos povos.

Numa palavra, puzemos em evidência a desunião reinante no mundo dos "atuantes-afirmativos", ou seja, dos espiritualistas, em face do mundo dos "atuantes-negativos", ou seja, dos materialistas.

Estudamos, em seguida, o sector dos "atuantes-negativos", patenteando a sua unidade de ação, que se serve das próprias sub-divisões do materialismo, para atingir o seu fim, que é a destruição completa do mundo dos "atuantes-afirmativos", isto é, daqueles que (para usarmos as mesmas expressões da Encíclica de Pio XI) "creem em Deus e O tomam como fundamento de toda a ordem social".

Dividido o setor materialista do mundo em

"agnósticos" e "dogmáticos", aqueles operam movidos pelos objetivos dêstes.

* * *

Na vasta zona dos agnósticos se encontram todos aqueles que não admitem ,na consideração dos fatos sociais, económicos, educacionais ou políticos, a interferência e um pensamento religioso, seja o de afirmação seja o de negação. E podemos incluir entre os materialistas-agnósticos aqueles mesmos homens que se dizem religiosos, mas que expulsam Deus da discussão dos problemas temporais, como faz certa ala de católicos esquerdistas quando totalitariamente condenam aos estadistas, aos políticos e partidos que apelam para o nome e a doutrina de Cristo como fundamento do Direito e da Justiça na legislação e govêrno das nacionalidades.

Por detrás desses agnósticos, agem os dogmáticos do materialismo, os quais deram expressão político-religiosa às hipóteses científicas e às teorias dos ateus postas em voga, principalmente, nos séculos XVIII e XIX. Esses materialistas-dogmáticos dividem-se em:

a) — socialistas evolucionistas;

b) — socialistas revolucionários.

Os primeiros são, doutrinariamente, mais materialistas do que os segundos, pois se cingem, de modo exclusivo, ao desenvolvimento determinista dos fenómenos económico-sociais: os segundos, menos materialistas em doutrina porquanto creem no poder de interferência do Homem como gerador de idéias e precipitador dos acontecimentos mediante atitudes volitivas, são, entretanto, sob o aspecto "prático", mais materialistas do que os primeiros, porque proclamam abertamente a guerra àquilo que chamam "o opio do povo", isto é, a Religião.

Mas estes socialistas-revolucionários, conquanto se valham das forças do espírito, utilizando-as sob o disfarce da dialética de Hegel e adotando a técnica da violência preconisada por Sorel e atualizada por Lenine, servem-se daqueles outros socialistas, ou evolucionistas, mais estreitamente ligados ao marxismo puro, para atingir o seu supremo objetivo, que é a destruição total das correntes espiritualistas do mundo.

Vemos, assim, que, enquanto o mundo espiritualista não se exprime por uma unidade de ação, o mundo materialista, constituido de

agnósticos e dogmáticos, age segundo um sentido de perfeita unidade.

* * *

O outro hemisfério, toda a outra metade do mundo moderno, é aquele onde se encontram os descaracterizados, os despersonalizados, os automatizados, os sem consciência, os sem destinos, os sem capacidade de auto-determinação.

Mundo dos in-actuantes. Mundo dos espiritualmente apáticos. Mundo das inteligências destronadas. Mundo dos fatalismos imperativos. Mundo das subjetividades impotentes Mundo dos que se deixam governar pelos impulsos exteriores que tanto podem vir do setor espiritualista do hemisfério dos homens-actuantes, como do setor materialista daquele mesmo hemisfério.

É a massa disponivel, sem consciência nem destino. Massa onde o homem perdeu o conhecimento da sua origem humana e nacional. Onde o homem retornou á condição da argila anterior á Intervenção Divina, que plasmou um dia e fez solidificar os traços firmes da personalidade.

Essa massa não vale por nenhuma energia

própria, pois desde a sua formação, passou a valer apenas pelo seu próprio peso. O peso da brutalidade inconsciente. O volume sujeito aos impulsos externos e principalmente á lei da gravidade, que ainda não foi estudada em face da formação dos acontecimentos universais e nacionais, porém que constitui, sem dúvida, preponderantissimo factor no desenvolvimento dos factos através da História.

Massa brutal, despenha-se como um rochedo pelos desfiladeiros. Não por seu querer, mas porque a empurraram. É geleira que se precipita porque um agente exterior (o sol) derreteu seus fundamentos; é oceano agitado em tempestade porque a força dos ventos o impele, ou o desequilíbrio térmico das corentes marítimas revolveu as suas entranhas; é o desabamento dos edifícios onde a inteligência do constructor falhou no cálculo dos equilíbrios e das resistências.

Mas é preciso estudar esse hemisfério humano, que representa a maioria esmagadora e, por conseguinte, decisiva em tudo o que concerne à solução dos problemas pelos quais se interessa, por direito e por dever, o Espírito do Homem.

Estudar será analizá-la, em todos os seus aspectos. Será apreciar os processos mediante

os quais os homens-actuantes (sejam os afirmativos ou espiritualistas, sejam os negativos, ou materialistas) podem interferir nela, impulsionando-a, ou provocando a dissociação de seus elementos para uma nova construcção de Homens.

* * *

O estudo da psico-fisiologia da Massa é fundamental para a compreensão do que ela representa. Conhecer o mecanismo, os movimentos da Massa por determinação externa, os quais produzem os factos políticos sem ter conciência disso, é imprescindivel á interpretação do sentido histórico do nosso tempo.

Mas, da mesma maneira como o químico toma uma parte mínima da matéria, objeto da sua pesquiza, ou o geólogo apanha pequenos torrões da montanha cuja formação quer definir, também nós teremos de colher nessa coisa bruta a que os demagogos chamam "a massa", pequenás porções de sua matéria, para submetê-las a exame microscópico, fisico-químico, radiscópico, afim de decifrar a Esfinge despótica soerguida na estrada de Tebas da vida contemporânea.

É o que tentaremos fazer no próximo capítulo.

V

Psicologia do "todos" e comando do mundo

O Sêr Humano, como personalidade, atua na categoria de suas atividades específicas, possuindo a noção de si mesmo e do grupo a que aderiu por interesses comuns que lhe são próprios. Ao mesmo tempo, ele possui um poder de compreensão do seu semelhante, equivalente ao grau de compreensão que tem do seu próprio eu.

Sentindo o seu problema particular no problema do seu semelhante, o Homem, nítido, intangivel e irredutível, encontra facilidade em se colocar mentalmente no lugar dos outros, podendo dessa forma avaliar com precisão os anceios e necessidades alheias, porque estas são as mesmas que ele experimenta. Estabelece, por conseguinte, uma perfeita classificação dos temas que se propõe e que são propostos aos seus semelhantes; conhece os que se relacionam com a pessoa e com os grupos de pessoas; julga com precisão, decide com clarividência, age com discernimento.

Cada homem, assim consciente, governa-se e move-se nos exactos limites que lhe são assinalados, entre o egoismo e o altruismo, evitando os exageros de um individualismo ou de um coletivismo que negam (qualquer dos dois), a legítima expansão da personalidade.

O egoismo individualista, por comodidade, abre mão dos direitos de grupo, afim de se não submeter aos deveres correlativos, sem os quais não subsistem aqueles direitos; prefere viver na grande massa amorfa, onde se diluem todos os deveres. E esquece-se de que, destruidas as ultimas estruturas dos grupos em que as pessoas reciprocamente se apoiam na sustentação de princípios comuns e na manifestação de comuns anseios, a massa em que se integram passa a governar e a mover-se despoticamente sob os impulsos de aventureiros ou tiranos.

* * *

Todo coletivista, capitulado em qualquer das formas do socialismo, é, no fundo, um feroz egoista; e embora aparente agir no sentido do bem geral, na verdade age no sentido de seus particulares interesses e comodidades. Não querendo dar-se ao trabalho de ajudar, servir, socorrer ao seu prórimo (idéia que implica a de

grupo, seja o familiar ou o profissional, o local ou o nacional, ou o da simples visinhança do sêr humano que se lhe depara) prefere fingir uma imensa generosidade, dizendo que a solução de um caso isolado não resolve o caso total da humanidade.

Transfere, dessa forma, o egoista-individualista, o dever a cumprir na zona concreta dos factos que o circundam, para a zona abstrata dos conceitos vagos onde se diluem todas as realidades tangíveis e se tornam longinquas todas as obrigações.

A sua mentalidade é meramente estatística. Não socorre o tuberculoso, o aleijado, o leproso, o orfão, a viuva, o desamparado, que se lhe apresentam, porque diz: "o que me importa é saber quantos são os que se encontram nestas circunstâncias, quais as causas que as determinam, quais os recursos gerais de que dispomos, quais os meios técnicos da sua aplicação, para nos livrarmos deste incômodo de encontrar criaturas em tal miséria". Opera, assim, a transferência de um dever imediato para a zona das providências mediatas, muitas vezes aleatorias ou dificeis de serem tomadas.

Raciocina em razão dos algarismos, não do facto humano, concreto, que tem diante de si. O egoista-individualista bem sabe que aqueles que

não esperam pelas estatísticas para mitigar uma dôr, não são mentalidades retrogradas, pois também, como ele, se empenham no afan de resolver o problema geral segundo os dados numéricos. Mas, fingindo desconhecer a capacidade intelectual do homem caridoso, arroga-se o monopólio da ciência e da técnica e sorri superiormente de quantos extendem a mão para depositar no regaço de um pobre aquela moeda que se engrandece pela emoção magnánima que representa.

O egoista-individualista proclama-se, então, altruista, mas altruista completo, porque diz preocupar-se com todos e não com algum ou alguns que se lhe apresentam em petição de generosidade. Esse altruismo, ultrapassando os limites da realidade concreta e perdendo-se no espaço de uma idealidade sem compromissos imperativos, acaba por se manifestar na coincidência de duas formas mentais: a de um filantropismo sem acção e a de um (para criarmos o termo exacto) filomesmismo actuante e desumano.

Muitas vezes, o individualista-egoista nem mesmo se preocupa em dissimular o seu comodismo, a sua indiferença pelos outros, ou pelo outro, em formas teóricas de socialismo, de tecnicismo, de ultra-filantropia. Nesse caso, a sua

filosofia se manifesta na expressão de um fatalismo cruel. E diz: "não sou eu quem vá endireitar o mundo", ou "o que for soará", ou "cada um trate de si".

Esta é a forma mais generalisada dos indivíduos, que deixaram de ser pessoas, para ser fracção da grande massa. Quando atingem a adesão completa ao todo-coletivo, passa-se neles um fenómeno dos mais curiosos: a sua inteligência, despindo-se dos caracteres personalistas, identifica-se com a inteligência geral. A heterogeneidade distintiva dos tipos humanos que exprimem peculiaridades intelectuais e sentimentais, mantidas nitidamente nos aglomerados grupais (que por sua vez se diversificam), desaparece imergindo na acidez desagregante da homogeneidade coletiva. O indivíduo, desde então, deixa de exprimir opiniões ou sentimentos próprios, porque não é mais um gerador de forças anímicas, mas simplesmente um instrumento da mentalidade geral. A sua opinião é a opinião de todos; os seus gostos, são os gostos de todos; a sua atitude, as suas acções, são as atitudes e acções de todos.

* * *

No entanto, esse ente amorfo, que chama-

remos o "todos", também não é um gerador de idéias, de conceitos, de pensamentos, de opiniões e de actos. O "todos", isto é, a massa, é por sua vez o instrumento de expressão de algum ou de alguns.

O "todos" em que se diluiu cada um, caracteriza-se pela extrema sensibilidade receptiva. Tudo, no "todos", é passividade. Essa passividade recebe a impressão, que lhe transmite a idéia e o movimento, por meio de processos técnicos conhecidos pelos exploradores da imensa matéria prima constituida pelas disponibilidades gregárias dos entes mecanizados por uma deshumanização progressiva e finalmente completada.

Os técnicos da propaganda sabem de que meios devem usar para mover o "todos". Entre estes meios, avulta a imagem. A imagem, que pode ser visual ou auditiva. Fazer vêr ou ouvir sempre as imagens dinamizadoras: o cartaz berrante, a música significativa, o slogan escrito ou falado; a manchete na imprensa, escandalosa e brutal, a frase incisiva pelo rádio, a monotonia das repetições.

A repetição é o segredo técnico mais importante. Porque o "todos", ou a massa, movendo-se instintivamente e não intelectivamente, seria obrigado, pela sucessividade das imagens variadas, a operações mentais de comparação, raciocinio e identificação de que só a pessoa íntegra é capaz, sendo o "todos" absolutamente incapaz. A variedade dos temas, sucitadora de faculdade pessoais, determinaria a desagregação do "todos" pela reaquisição da personalidade em cada um dos elementos fraccionários que entram na composição da unidade-colectiva.

A propaganda, por conseguinte, para ser eficiente no sentido de impôr um ritmo uniforme e constante ao movimento do "todos", tem de ser monocórdica. A monotonia dos temas e das imagens sustenta a coesão da massa impedindo nela qualquer surto isolado de personalidade singular. Além do mais, constituindo-se o "todos" de homens-fracções, que precisam somar-se para produzir a unidade-colectiva, cumpre reduzir essas fracções humanas ao mesmo denominador, que é o slongan, a frase feita, a

imagem sintetizadora do pensamento que deve ser o pensamento comum.

* * *

A lei do mínimo esforço é o estatuto que rege o individualista-egoista, o homem-fracção que entra na composição da massa. Esse comodista, esse preguiçoso mental não quis, a princípio, e já agora não pode raciocinar, mesmo que o queira. Submete-se ao que pensam os outros, ou melhor, o "todos". Segue o cartaz, subordina-se à moda, acompanha o costume lançado por um poder criador e raciocinante externo. Não examina, não compara, não analisa, não opõe restrições. Si lhe perguntam porque faz determinada afirmação, responde: "todos a fazem". Si lhe perguntarem porque usa certo tipo de gravata, certa marca de cigarros, certo remèdio para nevralgias, certo refresco, responde: "todos usam". E si frequenta algum ambiente de distração ou mesmo de vício, ou si permite a suas filhas ou filhos certas facilidades, o seu argumento é invariàvelmente o mesmo: "todos procedem da igual maneira".

Esse modo de ser do homem-fracção, do in-

dividualista egoista condiz, de modo absoluto, com o traço fundamental da sua psicologia: a preguiça. Tôda reação contra o que já vem feito, contra o que já vem pensado, contra o que a maioria, a quasi unanimidade aceitou, exige um trabalho mental, um dispêndio de energia nervosa que perturba o comodismo do homem egoista, individualista, fraccionário. O tipo comum do homem componente da massa não gosta de ser incomodado, nem de incomodar-se. As suas frases habituais são: "não navego contra a correnteza", "não sou palmatória do mundo" "não sou eu quem vai endireitar o que está torto", "o melhor é deixar correr o marfim".

É a passividade comodista, ou o comodismo da passividade. Há nesse modo de ser uma predominância de caracteres femininos. A subordinação da mulher aos ditames da moda, fato tão antigo como o mundo, constitui um traço demostrativo da própria feminilidade que, biològicamente passiva, faz-nos compreender a passividade psicológica sujeita à coacção do ambiente social. Não está na mulher (e é naturalíssimo que assim seja) reagir contra os mode-

los impostos pela moda. A côr da moda, o penteado da moda, o chapéo, o vestido da moda, são decretos a que a mulher não se pode furtar, a menos que fuja da sua própria feminilidade, isto é, da passividade bio-fisio psíquica.

Esse facto torna evidente que o "todos", ou a massa, constitui um ente-feminino; e todo homem que aliena as suas faculdades raciocinantes e operantes, para se integrar no "todos", ou na massa, atrofiou os elementos activos da sua constitucionalidade, para deixar predominar a receptividade conformista que se identifica com a feminilidade passiva na área psicológica de suas manifestações.

* * *

O homem-tracção, o individualista-egoista, o preguiçoso-comodista, alimenta-se de idéias enlatadas. Esta imagem é de absoluta precisão, numa época em que vai desaparecendo o podêr criador da culinária doméstica, substituida, dia a dia, pelos cardápios completos que se compram nos armazes (desde a sôpa aos bifes com batatas) que exigem apenas o trabalho do aque-

cimento, dando, a multidões de sêres humanos despersonalizados, os mesmíssimos pratos, com os mesmíssimos môlhos e o mesmíssimo paladar despaladarizado pelos estanhos e chumbos dos recipientes.

Em tempos tão totalizadores que suprimem toda a originalidade humana, desde a biblioteca à cozinha, é lógica a subordinição geral dos homens em série aos productos em série do pensamento, do sentimento e das artes.

O homem-fração pensa pela cabeça do "todos", mas o "todos" na verdade não tem cabeça; é um robot, um Frankstein, que principia nos pés e termina no pescoço, possuindo duas pernas e dois braços que se movem, como o tronco, pela impulsão de agentes externos.

E' a massa inconsequente e despótica. Mas o despotismo pelo qual se manifesta não é seu, uma vez que a massa é apenas a soma dos instintos dos homens-fracções. Quem a governa, fecundando-a com sementes de tempestade ou germens de podridões estagnadas onde fermenta a decomposição das personalidades, são aqueles que se apoderaram dos instrumentos técnicos da propaganda. Tais instrumentos, nos dias correntes, enriqueceram-se numa aparelhagem

complexa: o livro, o jornal, o panfleto, o cinema, o teatro, o rádio, a televisão. Tôda essa aparelhagem compõe o instrumental difusor, socializador, totalizador, impondo pela imagem sonora ou visual as impressões geradoras dos movimentos passivos do "todos". Mas há a contar não apenas esses meios de propagação, pois outra aparelhagem atua, de modo total sôbre os sentidos do "todos"; ela é constituida pelos ambientes sociais que penetram o "todos" pelos olhos, pelos ouvidos, pelas narinas, pela boca, pela epiderme, indo acordar os instintos no fundo das sensibilidades e das emotividades. E' o colégio primário ou secundário, a escola superior, os campos de esporte, as praias, os clubes, as boates, os casinos, numa palavra: a convivência. E há ainda o mundo comercial, industrial, bancário, burocrático, proletário, vivendo ao rítmo dos mesmos fenómenos de convivência, esse mundo onde o homem-fracção, individualista-egoista age segundo uma uniformidade constante de padrões conformadores.

Sob a acção dêsse instrumental constituido por aparelhos difusores e ambientadores, a massa movimenta-se de conformidade com os agentes externos. A sua subjectividade está por baixo

da epiderme, como um lençol de água rasa que se atravessa molhando apenas os tornozelos. Nenhum poder de reflexão, nenhum poder de raciocínio, nenhum poder criador, nenhum poder volitivo

E' a multidão que assiste às paradas militares embevecida pelas côres dos uniformes e das bandeiras, o brilho das armas, o passo cadenciado dos soldados e o rítmo dos carros de guerra; é a mesma que enche as praças nos comícios políticos e vibra à palavra demagógica dos aventureiros; é a mesma que superlota as casas de espetáculos para assistir ao film sobre o qual todos estão falando; é a mesma que vibra em incontidos entusiasmos nas disputas do futebol; é a mesma que acorre para vêr um incêndio e forma um círculo compacto em torno do desastre de automóvel; é a mesma que esgota as edições dos vespertinos, quando eles trazem uma escandalosa manchete, ou a reportagem sensacional, ou as memórias escabrosas; é a mesma que súa, ofega, comprime-se nos estribos e nos tejadilhos dos bondes, sob o sol escaldante, para ir vêr a inauguração de um estádio, a chegada de uma personagem ilustre, a luta de um boxeador célebre; é a mesma que inunda as

praias nas manhãs ensolaradas de domingo; é a mesma que, por ocasião das eleições, vota naquele que dispõe de melhor cartaz, de melhor slongan.

A massa e, individualmente, os homens-fracções que a constituem, sofrem a doença contemporânea da literomania, isto é, a irresistível atração do olhar para os dizeres do cartaz, dos anúncios luminosos, dos letreiros afixados em pontos visíveis. Os olhos são forçados a se deter. Si olharam distraidamente o anúncio, os sêres fraccionarios da massas sentem-se obrigados a voltar a cabeça para lêr. "Beba Cola-Côco", "Vote em João dos Anzóis", "A máquina Beltrana é a melhor do mundo", "Para dores de cabeça tome Guafirina", "Abaixo o partido Tal".

Cada um é igual aos outros e uns e outros são iguais ao "todos". Descategorizaram-se os sêres humanos e, descategorizando-se, deshumanizaram-se. E é essa massa informe, esse peso pesadíssimo de granfinos, de melindrosos, de burguezes comodistas, de funcionários displicentes, de comerciantes gananciosos, de intelectuais egoistas, de vivedores vegetativos, que não são nem espiritualistas, nem materialistas, nem

agnósticos, porque são nada de nada, é essa massa informe que constitui a metade do mundo, que decide pela lei da inércia, de modo inconsciente, da marcha da História. Parece absurdo, mas é verdade. A partida será ganha, pelos espiritualistas ou pelos materialistas, na proporção em que aqueles ou estes se apoderem dos meios técnicos de comando da massa bruta, determinando o movimento do "todos".

III PARTE

Progresso e civilização

I
Crise de adaptação

Um dos grandes mitos do nosso tempo é incontestàvelmente o mito do progresso. E' a palavra mágica, aplicada a tôda idéia de desenvolvimento material ou técnico, sem a mínima consulta a qualquer sentido de moralidade. A' sua origem, na acepção em que o termo é empregado, nos dias atuais, procede, evidentemente, da concepção materialista da História que se tornou impositiva no transcurso do século XIX. Deriva do evolucionismo e mais ainda do determinismo, seja na sua forma inglesa do transformismo, seja na sua forma alemã da dialética idealista.

Evolução ou revolução, apresentam-se como processos humanos de progredir. Mas o progresso constitui, para o feiticismo do século XX, uma constante metamorfose dos aspectos sociais e um desenvolvimento das faculdades do sêr humano no sentido de adaptar-se a novas

condições de vida perpètuamente transformadas.

* * *

O progresso, por conseguinte, segundo o critério materialista dominante em nosso tempo, não passa de uma ampliação do podêr humano em seu crescente domínio da natureza exterior. Da marcha a pé à marcha a cavalo; da marcha a cavalo à viagem num veículo de rodas; do carro à tração animal ao impulsionado pelo vapôr, pelo motor à explosão, pela eletricidade, o homem ampliou o seu podêr de andar, de vencer distâncias. O telescópio e o microscópio ampliam a sua visão, ou o seu podêr de vêr; o telégrafo, o telefone, o rádio, ampliam o seu podêr de falar e de ouvir; e tôda uma série de maquinismos aumenta o podêr dos seus músculos, de suas mãos, de seus dedos, até do seu cérebro.

Em última análise, o progresso, tal como os homens materialistas do nosso século o tomam, não passa de um aumento de eficiência física proporcional a uma diminuição de esforço. Usando do telefone, livro-me de sair de casa à procura de alguém em sua residência; utilizando-me do avião, poupo horas, talvez dias de

viagem para ir ter aonde me convém; e pelo rádio assisto a um concêrto ou a uma conferência eximindo-me ao trabalho de ir ao teatro, podendo mesmo ouvir o pianista ou o orador ainda que estejam em Londres ou em Nova York. E aí verifico a lei do mínimo esfôrço, tão cara aos evolucionistas.

* * *

Esse progresso puramente material determinou condições de vida social inteiramente novas. E essas condições sociais novas determinaram, por sua vez, outras necessidades técnicas, as quais, uma vez preenchidas, criaram outras tantas condições e exigiram outros tantos aperfeiçoamentos e invenções. A vida humana mecanizou-se sucessivamente e de tal forma que a máquina passou a constituir uma segunda natureza do homem.

Poucos terão pensado, ou terão tido tempo de pensar nessa "segunda natureza". Para se ter uma idéia, basta examinar alguém a quem falta algum membro, algum orgão, ou a quem qualquer membro ou orgão seja deficiente. Imagine-se um homem que use um olho de vidro; ou uns óculos; ou uma muleta; ou uma perna de páu ou de borracha; ou um aparelho para

surdos; ou uma dentadura; ou uma funda. Esses objetos, ao fim de algum tempo, se tornam de tal forma imprescindíveis, que o dono sente neles como que uma parte do seu corpo. Os mutilados da última guerra, passado o tratamento e a convalecença, eram levados a um hospital de adaptação. Quer dizer, faziam um estágio, ou noviciado, mediante o qual o objeto artificial se integrava neles e eles próprios se integravam no objeto, formando, por fim, algo como se fosse uma unidade.

Considerados estes exemplos, podemos ter uma idéia do homem do século XX, do feiticista do progresso. Ele carrega numerosos apêndices, e o faz já sem o sentir, pois atingiu aquele estado físio-psicológico do mutilado. A diferença é que o mutilado adaptou-se a um "complemento", ao passo que o homem moderno adaptou-se a um ou mais "suplementos". Mas, à proporção que o uso foi se transformando em hábito, o suplemento adquiriu o caracter de complemento, porque, dispensando-o, o homem se sente diminuido no seu podêr de domínio do espaço e do tempo.

* * *

O homem do século XX é, pois, um sêr

de muletas. Muletas suplementares, mas muletas. A máquina de escrever trouxe uma capacidade maior de grafar o pensamento com velocidade; mas si ela faltar, o homem, que já não é um calígrafo, sentir-se-á tão incapaz do ofício de escrever como o amputado sem a sua perna de borracha. O mesmo se dá em relação ao automóvel, ao telefone, ao elevador, à máquina de calcular, ao avião, aos receptores de rádio, aos teares, aos maquinismos variadíssimos de tôdas as indústrias de produção para muitos ou de uso doméstico. Não somos capazes de passar sem uma infinidade de objetos, desde os apontadores mecânicos de lapis, aos grampeadores de papeis, desde as enceradeiras elétricas aos batedores de ovos, desde as geladeiras aos ventiladores, desde as espingardas de caça às bombas de Flit. Tudo isso amplia o nosso podêr, mas nos torna aleijados; e só percebemos a nossa insuficiência, essa insuficiência criada por nós mesmos, quando nos faltam esses objetos.

O progresso material, o progresso técnico, tem-nos trazido imensas comodidades e facilidades, mas tem-nos criado uma psicologia de insuficientes. E aquilo que os doutos, os filósofos argutíssimos da nossa época não souberam definir e que constitui a grande realidade psicológica do século XX, pôde Calino, ou o imbecil

genial, exprimir nesta frase digna de riso, si a considerarmos superficialmente, e digna de meditação se aprofundamos o seu sentido: "o assucar é uma substância que deixa o café muito amargo si não se o deita à chícara".

Há nessa frase tola um pensamento sério que consiste em nos oferecer idéia da ausência do suplemento, da carência do objeto usual. É o homem sem avião, desanimando diante das distâncias; é o guarda-livros sem máquina de calcular, diante de uma coluna de duzentas parcelas a somar...

* * *

Admiramo-nos hoje, contemplando monumentos como as pirâmides, ou as colunas da Acrópole ou de Balbeck, da força prodigiosa daqueles homens que conseguiam pôr de pé tão gigantescos blocos de pedra; mas esquecemo-nos apenas disto: naquele tempo não havia guindastes mecânicos... E quando sabemos que o historiador Heródoto fazia caminhadas de léguas levando soldados feridos às costas; ou, mais recentemente, que João Ramalho com oitenta anos, andava após o jantar, três léguas para fazer o quilo, também nos esquecemos de

que, na antiga Grecia ou no Brasil do século XVI, não havia automóveis...

Os primores de faiança, porcelena, gravuras, tapeçarias, mobiliário, iluminuras, encadernações, rendilhados de pedra nas catedrais góticas, primores de tôda a sorte do engenho humano, são hoje peças raríssimas porque já não há quem as confeccione, desde a gradativa extinção do artezanato mediante substituição do trabalho espiritualizado pela brutalidade da produção em série. Esse facto, só por si, demostra a regressão das faculdades intrínsecas do homem na proporcionalidade da sua progressão extrínseca.

O progresso técnico, por conseguinte, ao mesmo tempo que é um avanço em certo sentido, constituiu um recúo em "outros sentidos". É uma alienação, para usarmos a linguagem tão ao gôsto dos marxistas. O homem, inicialmente procurando ampliar o podêr dos seus sentidos e da sua acção por meios mecânicos, foi pouco a pouco transferindo para a maquina aquele mesmo podêr que ele pretendia tornar mais eficiente. Fazendo da máquina a sua servidora, foi se desobrigando da função de a si próprio se servir e sobrecarregando os objetos externos com um trabalho cada vez maior. E, à proporção que se ia libertando de incômodos por de-

legação de podêres ao inanimado-animado, ia se escravizando e, de tal sorte, que chegou ao século XX, com evidente declínio da capacidade própria, a qual, segundo as próprias leis do evolucionismo transformista, tende a agravar-se pela simples razão do atrofiamento dos orgãos sem função.

* * *

Esse decréscimo de capacidade animal deve, forçosamente, influir no processo da vida social determinando uma psicologia específica de sêres humanos incompletos. Mas, si raciocinamos que esse progresso materialista não objectiva nenhum fim, então teremos de concluir que, além da subtração constante do podêr do homem, no que se refere à sua capacidade de prover-se independente dos implementos constituidos pelo cabedal de objectos que possui, realiza-se uma diminuição do seu podêr espiritual.

E o homem, de alma enfraquecida, manifesta-se na plenitude de sua substância inquinada pela mancha original de remota ascendência. É o sêr embrutecido primeiro pelo comodismo e depois pelo egoismo. A sua vontade é tíbia; e aquilo que ele chama a sua actividade, a sua acção, com o objectivo de conquistar os meios,

com que adquirir os ampliadores dos seus sentidos e os executores de seus trabalhos, não passa de um movimento de autómato movido pelas paixões e pelos vícios a que se subjugou por aquela mesmíssima lei do mínimo esforço em razão da qual aumentou o número dos seus servidores mecânicos.

A esse estado degradante de espírito, veiu juntar-se, nos últimos cincoenta anos, a velocidade vertiginosa do desenvolvimento técnico, que fez do homem do século XX, quase de improviso, um desajustado.

Os grandes inventos contemporâneos, o rádio, o avião, a televisão, o automóvel, a lâmpada elétrica, o telefone, o telégrafo, o vapor, o predomínio da eletricidade na vida industrial, na vida pública, na vida doméstica, tudo isto é obra de menos de um século.

Si pensarmos que desde a descoberta do fogo à fundição do ferro, a humanidade percorreu milhares de anos; e da fundição do ferro à alquimia medieval outros milhares de anos; e da idade média à circunnavegação centenas de anos; e dali para cá, em marcha mais veloz, o progresso desenvolveu-se, entretanto, em ritmo incomparávelmente menos rápido do que a partir do metade do século XIX, então teremos a medida da desproporcionalidade entre a trans-

formação do mundo nos últimos decênios, que se processou em progressão geométrica, e a do homem, individual ou colectivamente considerado, que se operou em progressão aritmética. (1)

Foi o desnorteamento completo do comércio dos povos, da distribuição das utilidades; o desajustamento dos sistemas monetários em relação aos impulsos violentos da produção e às necessidades do consumo; a desorganização da própria produção que se deslimitou de seus respectivos *habitats*, pelos mágicos recursos da téc-

---

(1) — Para dar uma idéia do vertiginoso progresso científico e técnico do nosso tempo, Sir Arthur Compton em «Science» imagina a escala do tempo reduzida um milhão de vezes. E escreve: «Nessa escala, suponhamos que o homem concebeu o uso de certas peças toscas de pedra. Foi sòmente na semana passada que alguem descobriu o meio de polir a pedra e dar-lhe forma para determinados fins. Ante-ontem, o homem tendo se tornado suficientemente artista, passou a usar desenhos simplificados como escritura simbólica. Ontem, foi inventado o alfabeto; o metal mais usado era o bronze. Na tarde de ontem os gregos estavam no seu apogeu cultural, artístico e científico; à meia noite de ontem, Roma caiu, ensombrando a civilização por algumas horas. Ás oito e quinze desta manhã, Galileu observou a queda dos corpos; às dez, construia-se a primeira máquina a vapor. Ás onze horas, Faraday estabelecеu a lei do eletro-magnetismo, a qual deu origem, às onze e meia, ao telégrafo, à força elétrica, ao telefone e à lâmpada elétrica. Ás onze e quarenta minutos, Roentgen descobriu os ráios X, seguido-se imediatamente as invenções do rádio e da telegrafia sem fios. Faz sòmente quinze minutos que o uso do automóvel se vulgarizou; faz cinco minutos que temos o correio aéreo; e faz apenas um minuto que começaram a ser transmitidos os programas internacionais em ondas curtas».

nica agrícola; o deslocamento dos centros industriais, consoante os recursos geológicos e as situações de adiantamento de certos povos em momentos dados de translação das bases específicas das riquezas no sentido histórico de certas predominâncias económicas, o que tudo determinou as lutas pela concorrência, as guerras imperialistas, as revoluções sociais, as crises, as desordens políticas, a confusão.

* * *

E si tais foram os resultados na colectividade humana, também não menos é de se considerarem os resultados nos indivíduos. O estado de espírito angustioso decorrente da situação universal e das situações nacionais há de influir certamente sôbre o sistema nervoso dêsse mísero sêr ameaçado na sua comodidade (que se tornou segunda natureza), na sua propriedade (si a possui), na sua liberdade, hoje bastante reduzida pela vigilância do Estado.

Tudo comprime o homem, reduzindo-lhe as áreas de acção moral enquanto ele tenta alargar as áreas de acção física mediante os implementos que a técnica lhe fornece. Ele é controlado pela carteira de identidade; pelos passaportes quando em viagem; pelo fisco a acom-

panhar nos mínimos detalhes os seus negócios, a sua renda, as suas próprias dificuldades financeiras; pelas empresas de luz, de gás, de água, sabedoras de quanto gasta e indiretamente do que ele faz de dia ou de noite; pela portaria dos hotéis, que entram na sua intimidade exigindo que diga de onde veiu, para onde vai, qual a sua idade e estado civil, qual a sua nacionalidade e profissão; e até pelos porteiros das casas de apartamento, essas colmeias onde a arquitetura moderna sufoca os lares e onde tudo é controlado, meticulosamente.

E, vivendo assim comprimido, esse miserável homem do século XX sofre ainda o medo constante de novas restrições, desde aquelas que se incluem nos programas dos partidos socialistas até as que se encontram em potencial no bôjo das conspirações revolucionárias . . .

O homem do século XX não tem o direito de comprar ou de vender o que deseja, porque os Estados exercem a ditadura das carteiras de exportação e de importação; não pode viajar com o dinheiro que quer levar, pois de fronteira em fronteira encontra um representante do Estado a entrar na intimidade do seu bolso e a contar as notas de banco do viajante. Em cada país, é temido pela autoridade pública, prensando renovar os atestados de boa conduta ca-

da vez que pretende obter um visto para atravessar os limites de uma nacionalidade para outra. O seu estado de espírito é de constante sobressalto e irritabilidade.

* * *

Devassado, vasculhado, virado ao avesso nas fichas dos Bancos, nos cadastros policiais; olhado sempre com desconfiança pelo Estado, representante do terror coletivo, ou pelos revolucionários que representam, em última análise, a selvageria das massas brutalizadas; esse homem da idade da máquina ressente-se, ainda, e de maneira mais impositiva, do próprio desequilíbrio entre a sua capacidade fisiológica e as novas condições de vida com que o fustiga o ritmo crescentemente acelerado do progresso.

Si da pedra lascada á idade do ferro, o homem efetivou a sua adaptação em milênios, como será possivel em pouco mais de cincoenta anos adaptar-se a uma transformação que se mede da carruagem puxada por animais aos veículos impulsionados pelos motores à explosão ou a eletricidade? De dez quilómetros por hora passa, em menos de setenta anos, a trezentos quilometros por hora. No espaço de um dia, o seu sistema nervoso, o seu aparelhamento cir-

culatório toleravam, no máximo, uma ou duas emoções diferentes, relacionadas com a vida comercial, ou familiar, ou política, ou social; mas hoje, com o telefone que põe em contacto esse pobre sêr com dezenas de seus semelhantes, cada qual com o "seu caso" provocando um tipo de emoção, e com o automóvel, que facilita os contactos pessoais, e com o telégrafo, que precipita as decisões impedindo qualquer desculpa, o homem é obrigado a pensar rápido, a resolver rápido, a providenciar rápido, a comover-se rápida e intensamente, substituindo uma emoção desagradável por outra mais desagradável no curso de um dia.

* * *

E' o drama, ou tragédia, da adptação fisiológica a condições psicológicas desconformes com a capacidade dos nervos, do cérebro, do coração, do sistema vascular, do aparelho digestivo. Essa adaptação, que deveria operar-se em mil anos (suponhamos), efetiva-se violentamente em algumas dezenas de anos. É uma situação que Darwin e Wallace não previram... E talvez seja em consequência desse processo anti-natural, que se multiplicam em nossos dias as moléstias nervosas, os desarranjos do apare-

lho digestivo, as hipertensões arteriais, os frequentíssimos casos de enfartos cardíacos, principalmente nos atropelados habitantes dos grandes centros urbanos, colocando-se em primeira plana os homens de negócios e os políticos...

O sociólogo do nosso tempo, si pretende oferecer a esta triste humanidade um remédio, já não digo para superar em definitivo a tremenda crise de adaptação, mas pelo menos para minorar os sofrimentos humanos, há-de, forçosamente penetrar naquele campo misterioso onde residem as potências da alma.

Pois o homem, apesar de tôdas as transformações verificadas naquilo que ele chama a sua marcha civilizadora, continua a ser, substancialmente, o mesmo. O drama colectivo e o drama individual dos sofrimentos dêste século exigem uma consideração mais profunda da essência humana, da sua origem e do seu destino.

A adaptação não se poderá dar no sentido do transformismo materialista em tão curto espaço de tempo em que o ritmo das atividades vitais da sociedade e do homem precipitou-se com um dispêndio de energia psicológica destruidor das estruturas fisiológicas; essa adaptação aos tempos modernos só poderá se efetivar pela intervenção do Espírito.

II
O regresso do Homem

No capítulo precedente puzemos em evidencia os resultados do progresso técnico sôbre as faculdades humanas, demostrando que, na proporção da conquista de um aparelhamento, cada vez mais complexo, com que o homem anula as distâncias e faz render o tempo, ele vai perdendo o podêr de agir por si mesmo, independente dos accessórios a que se vai habituando e aos quais se vai escravizando. Mostrámos como o homem moderno se tornou um aleijado, incapaz de viver sem uma infinidade de instrumentos mecânicos. Segundo as próprias leis do materialismo evolucionista baseado no mínimo esforço e na adaptação, vimos que a marcha irrevogável do sêr humano é no sentido de uma futura incapacidade para a prática de qualquer acto ou atividade sem o auxílio de suplementos mecânicos gradativamente transformados em complementos. De tal sorte que si, um dia, de improviso, desaparecessem o avião, o rádio, o telefone, o telégrafo, o cinema, a loco-

motiva, os teares, as máquinas de escrever, de calcular, de imprimir, de tecer, o telescópio, o microscópio, a geladeira, o aspirador de pó, a lâmpada elétrica, o elevador, o grampeador, a lâmina gilete, e mil pequenos objectos a que se acostumou, o homem se sentiria um desgraçado, incapaz para tudo.

É preciso notar que, na apreciação desses factos, de forma alguma condenamos o progresso técnico. Si é verdade que o homem vai perdendo a capacidade de viver por si mesmo e si nele desaparecem certas virtuosidades que o distinguiram em outros tempos, não se pode negar que vai ganhando outros podêres e desenvolvendo certas faculdades que são características da nossa civilização mecânica e elétrica.

Os dois factos que puzemos em relevo ao apreciar o "homo sapiens" hoje escravizado a mil petrechos, foram:

1.°) — a crise de adaptação consequente da transformação rapidíssima do modo de vida nestes últimos cincoenta anos e da qual resultam não sòmente os choques psico-fisiológicos no indivíduo, mas também o choque político-social, pois os govêrnos das nações e do mundo não tiveram tempo suficiente para pôr em dia a coordenação dos fenómenos económicos de

acordo com a brusca mudança técnica operada em pouco mais de meio século;

2.ª — a ausência de conteúdo moral em nossa civilização, cuja consequência é ficar o homem moderno, guarnecido de instrumentos materiais para a objetivação de fins materiais, porém inteiramente desarmado de instrumentos espirituais capazes de submeterem o rítmo acelerado do progresso técnico a condições de equilíbrio social, de conformidade com a lei divina.

Nestas condições, o homem do século XX, tendo a ilusão de progredir, vai regressando às épocas de barbaria.

* * *

Basta lançarmos os olhos ao panorama internacional para termos uma idéia clara dessa regressão. O rítmo da máquina, determinando produção em série, onde o volume supera a qualidade e a uniformização supera a identidade, influiu no processo da vida social e política, determinando a substituição do conceito "povo" pelo conceito "massa" e, o conceito "direito" pelo conceito "facto".

O liberalismo nos fins do século XVIII surgiu como uma necessidade da expansão do "indivíduo" e politicamente criou o sufrágio uni-

versal do mesmo modo como econòmicamente criou a livre concorrência. Mas, em consequência do progresso técnico entrou como um interferente poderosíssimo, a comandar a sufrágio universal, um elemento novo: a propaganda. É a utilização dos meios técnicos no sentido de pecuarizar os indivíduos aglomerando-os em rebanhos movidos, segundo as leis psicológicas, por um instrumental cada vez mais aperfeiçoado de difusão de idéias determinando estados de espírito colectivos onde se anula a pessoa humana. Esse instrumental é constituido pelo rádio, pelo cinema, pela imprensa (o jornal, o livro, o cartaz, o avulso) pelo gás neon, pela eletricidade aplicada segundo os mais variados efeitos que se objectivam, e ainda pelo avião e o automóvel, que encurtam as distâncias e facilitam os contactos...

O povo, transformado em massa, tornou-se um autómato, um Frankstein, movido ao sabor dos que, por motivos econômicos ou financeiros, podem dispor de todo aquele instrumental de comando. Quer dizer que a famosa "vontade geral", longe de ser a expressão de indivíduos livres (e usamos a palavra indivíduo para não sairmos da própria concepção unilateral do homem adotada pelo liberalismo) passou a ser

a expressão de alguns comandantes de rebanhos humanos.

A quantidade passou a valer mais do que a qualidade. E essa inversão da ordem natural das sociedades humanas trouxe, como consequência, a substituição da "qualidade verdadeira" por uma "qualidade falsa", pois, afinal, o que passou a governar (si analisamos a fundo a questão) não foi a "qualidade", uma vez que esta é acionada por uma minoria detentora dos meios da propaganda.

A minoria usurpadora do legítimo direito que aos intelectual, moral e espiritualmente mais capazes compete de dirigir as sociedades humanas, ergueu a sua cabeça dominadora e começou a exercer o seu magistério explorando os sentimentos baixos das multidões, ou a ingenuidade das turbas quando convém, aos da falsa qualidade, utilizar-se dos bons sentimentos para conduzir a erros e crimes.

* * *

Esse facto ficou provado neste século pela facilidade com que o nazismo se alastrou e pela maneira como o bolchevismo se tem espalhado pelo mundo, como instrumento do imperialismo russo. Tanto na Alemanha como na Rússia,

foram minorias adestradas na técnica da propaganda que iludiram as multidões "não politizadas" levando-as a fins opostos aos por elas pretendidos. E quando esses fins foram atingidos, entrou a funcionar outra máquina, possuidora de meios também técnicos de liquidar os reclamantes: a máquina policial moderna, com um aparelhamento exímio, que vai desde os instrumentos de tortura às injecções desintegradoras, como essas de mescalina e actedron, aplicadas ao Cardeal da Hungria.

São, dessa forma, impostos aos povos os regimes que interessa a uma minoria criminosa impor-lhes. Mas para chegar a esse fim, tanto o nazismo como o comunismo, valeram-se do seu mais precioso aliado: o liberalismo democrático, em cuja atmosfera se podem fazer funcionar sem perigo o maquinismo da propaganda, de que se utilizam, como acentuou o Papa Pio XII, todos os aventureiros políticos.

* * *

Era natural que, colateralmente, se formasse uma mentalidade jurídica adequada à substituição do "direito" pelo "facto". Num congresso de juristas alemães foi aprovada a tese que afirmava: "a lei é a vontade do Fuhrer".

A monstruosa tese nietzchena equivale à tese hoje sustentada pelo sr. Trigve-Lie na ONU, que considera, no domínio da política internacional e das relações dos povos, o "facto consumado" como um princípio de direito contra tôdas as normas éticas.

E' o princípio absurdo aplicado ao caso da China. Alí, uma falsa maioria impôs o regime comunista contra uma verdadeira maioria desarmada e que representa, não apenas a tradicionalidade da Nação Chinesa, mas ainda aqueles eternos princípios morais da dignidade da pessoa humana que servem de base para a condenação do comunismo pelo Cristianismo por todas as religiões do mundo. Mas o conceito nazista da "ocupação" e da falsa soberania dos povos é hoje o que se aceita nas Nações Unidas.

Quer dizer que, si a China Nacionalista for excluída da ONU e posta em seu logar a China Comunista, essa mesma ONU estará condenando a reação dos patriotas franceses que se insurgiram contra o govêrno de Vichy. Pois do mesmo modo Chang-Kai-Chek se retirou com suas tropas para a Ilha Formosa, também De Gaulle (que nem tropas tinha) retirou-se do solo de sua Pátria para organizar resistência no Exterior. A situação é exatamente a mesma. Como também a mesma em relação aos chamados

Quislings que imperaram na Noruega e outros paises, com as costas garantidas pelos exércitos nazistas, do mesmo modo como o govêrno comunista chinês tem as costas garantidas pelo exército do nazismo russo.

* * *

O que nós vemos, portanto, no mundo do século XX é uma regressão à época da barbaria. Começamos pela aceitação do govêrno das maiorias; essas maiorias foram mais tarde criadas *artificialmente, falsamente,* por meios técnicos entre os quais predominam o do golpe de Estado (teoria da violência de Sorel) e da intervenção estrangeira unilateral, isto é, por motivos de puro interesse de uma potência sem consideração a qualquer princípio de ordem moral; finalmente, as Nações irão aceitar uma situação de facto que colide com a Declaração de Direitos do Homem por elas próprias proclamada.

O mundo está hoje governado pelo materialismo. E' olhar para a vida interna dos povos ou para a sua convivência internacional. O nosso planeta é habitado por multidões de desmoralizados. De fatalistas. De autómatos. De ti-

teres movidos pelos cordéis invisíveis de tiranos ocultos.

* * *

O homem do século XX distraiu-se, embebido pelas maravilhas do progresso técnico; esqueceu-se de Deus, esqueceu-se de que possui uma alma, uma dignidade, uma responsabilidade; entregou-se a ganhar dinheiro para obter ao máximo os confortos da civilização mecânica ou para atingir postos elevados onde pudesse dominar e gozar uma vida de prazeres; deixou-se arrastar pelos acontecimentos e hoje marcha sonambúlico, estupidificado, esvasiado de tôda a moralidade, como um vaso sem água onde murcham e secam ràpidamente as flores do ideal que enobrece e que eleva a criatura humana para o seu Criador. Mas aqueles que ainda estão acordados, na noite escura do nosso século, trazendo acesa a lâmpada imortal do entendimento não turbado pelas ambições mesquinhas, esses esperam que o próprio regresso — hoje evidente — do homem à barbaria dos tempos antigos, possa facilitar um outro regresso, que será paradoxalmente um progresso, porque há-de ser a volta do homem brutalizado às fontes da sua dignidade.

Pois os homens e as Nações se encontram hoje diante dêsse dilema: ou permanecer no regresso moral em que se encontram, até se animalizarem e se irracionalizarem completamente; ou procurarem numa outra forma de regresso o verdadeiro progresso, que é o progresso do Espírito vivificado pelas leis divinas.

IV PARTE

Comentários à vida burguesa

I
A mulher núa

Uma revista, dessas que exibem o nu artístico às donzelas casadouras e às meninas da Primeira Comunhão, publicou há dias, numa página inteira, a foto sugestiva de uma garota carnavalesca em trages de Eva com uma serpente de flores enroscada no alvo torço de Frinéia ondulante no rítmo do samba, como Afrodite a sair da concha do Mar Egeu.

A legenda participava aos leitores que a esplêndida ninfa — não sem os protestos gerais dos foliões — fôra expulsa do baile do Teatro Municipal pelo facto de erigir-se, naquele pudico e recatado ambiente de virtudes burguesas, como uma nota viva de escândalo a ferir a sensibilidade castíssima da granfinagem carioca.

Vendo-se assim repelida pelas tradicionais virtudes da raça e pelos incontestáveis sentimentos cristãos que animam os folguedos de Momo nos três dias das bacanais e saturnais em que desafogam seu tédio as famílias, a sílfide resolveu sair, mas sair dansando. E de tal forma se portou nos movimentos coreográficos da

retirada estratégica, desmanchando-se em reboleios de rítmos tão eloquentes, que um trovão de aplausos saudou-a no saguão daquele templo de castidade em que se transformara o teatro principal do Rio, à falta de um autêntico santuário de Vesta.

* * *

A fotografia era expressiva e convidava a meditar sobre as possíveis intenções da heroína desnuda.

De mim, confesso que o nudismo de tão ousada baiadeira não me pareceu imoral; antes pelo contrário, interpretei-o como verdadeira pregação apostólica em prol da moralização dos nossos costumes.

Que fez a jovem carioca, naquela noite de tão esplêndido triunfo para a sua beleza corpórea, sinão deduzir, da premissa burguesa do nosso cristianismo paganizado, a consequência lógica diàriamente encoberta nas malhas dos sofismas com que se absolve de culpas o nosso mundo de hoje?

Muitos modos há de apostolizar consoante a inspiração do pregador e a psicologia do gentio cuja catequese se pretende. Uns se valem da palavra e outros dos actos e atitudes. E tan-

to os sermões verbais como os que se ministram à força de exemplificações, variam na forma, estilo, timbre e mais originalidades que o gênio cria como instrumento de persuasão.

Contra os desmandos orgíacos de Roma, utiliza-se Catão da sua austeridade, e ainda que autores desconfiados vislumbrem nas admoestações do censor algumas frestas a entremostrar mal dissimulada hipocrisia, o terrível republico ficou a simbolizar, quando não a sinceridade de propósitos, pelo menos um método no aplicar corretivos.

O risco a que se expõem esses pedagogos, demasiadamente severos e amigos da ordem direta nas suas proposições morais, é a de serem taxados de refinados mistificadores. E não sòmente na pena dos críticos antigos, mas sobretudo na dos modernos, que jogam hoje com os dados da psicanálise para transformar em despeito de incapazes e fracassados as advertências dos moralistas.

Para os tais psicanalistas, si um homem aconselha a outro que não roube, é porque no íntimo sente inveja do ladrão, que é um homem capaz de praticar o delito que o conselheiro não se sente com coragem de efetivar; si outro (ou outra, como no "Electra" de O'Neil, que é uma das mais edificantes bandalheiras do teatro mo-

derno) sente repugnância pela atração incestuosa de alguém, é porque no fundo sofre o mesmo magnetismo pela sujeira; enfim, qualquer sujeito, que pugne pela moralidade dos costumes, vai para o catálogo dos freudianos como tipo a disfarçar a inveja de quantos destapam as comportas dos instintos.

Fica, assim, destruida tôda a moralidade privada ou pública e os Batistas que pretendem corrigir as Herodíades e Salomés passam por indivíduos recalcados a pretender que outros se recalquem. Não faltarão aos moralistas, já não dizemos a cicuta de Sócrates, a fogueira de Savonarola, a Cruz de Cristo, mas as críticas mordazes e os motejos ridicularizantes, em nome da ciência e do progresso.

* * *

Ora, assim pensando (ou não pensando coisa alguma como é mais provável em pedagogia puramente intuitiva) a garota do Municipal teria resolvido mostrar, em todo o esplendor da sua carne jovem, o verdadeiro motivo que reunia, naquele templo de pudicícia carnavalesca, os pais, os rapazes e as moças de família.

Inverteu ela, assim, os papéis. Em vez de ser apontada como hipócrita, desmascarou a

hipocrisia da sociedade católico-pagã de donzeis e donzelas das missas de domingo e das praias pompeianas da talassoterapia e da heliopigmentação em que se espojam Ganimedes e Safos desabafando complexos e afinando o instrumental endocrínico nos extremos opostos dos recalques ultraistas de pasmosos assexualismos com que o charlatanismo científico pretende contrabater o conceito realista da filosofia verdadeiramente cristã.

Em vez de, (caso ali comparecesse a pregar um sermão de refundir Tibérios e Messalinas em forjas candidas) em vez de arriscar-se a ouvir de algum folião ou foliona o epíteto de hipócrita, foi ela, a náiade pagã, quem atirou à face da plutocracia e da burocracia, que comandam a saturnal dos nossos dias, o mais veemente dos discursos que jamais boca de frade ousou jorrar de púlpitos ainda os mais atrevidos no escalpelar ulcerações ou esvurmá-las a ferro em brasa.

* * *

Nua, inteiramente nua, como Frinéia diante dos juizes de Atenas, a nossa patrícia dansando o samba e rebolando as curvas afro-

disíacas, exclamava em linguagem coreográfica:

— Acaso é a castidade que vos reúne aquí? Porventura estas músicas lascivas vos sugerem, ó velhos de Babilónia, idéias e pensamentos arcangélicos e visões puríssimas do Empíreo? E vós, Adonis e Narcisos, travestidos de roupas femininas, alimentais fantasias menos lúbricas do que as de Hiliogabalo ou de Calígula quando cingiam as roupagens de Venus ou de ninfas, de tal maneira alucinados pelo fascínio das formas opostas ao seu sexo, que procuravam identificar-se cerebralmente com elas? E vós, Faunos e Sátiros espiritualmente caprípedes, farejando os perfumes mesclados ao odor dos suores femíneos, pretendeis renovar a façanha de Santo Antão no deserto, a resistir varonilmente às tentações envolventes? E vós, Virgens que ledes os romances analistas e as poesias eróticas da nossa época, e assistis aos filmes dos longos beijos que galvanizam as platéias escuras e povoadas de tactos subtilíssimos, estais aquí por acaso para rezar ave-marias ao rítmo das músicas bárbaras? E vós, matronas que vos confundis com vossas netas e filhas na indumentária e nas atitudes, comparecestes a este logar nada litúrgico para, pelo menos, vos engolfardes no

romantismo daquelas velhas valsas que falavam em doçuras de líricos amores e devaneios castíssimos de heroínas de novelas antigas? E ainda, todos vós, que mergulhais na onda tépida e aliciante dos pares em torvelinho sob o colorido das serpentinas e os vapores da champanha, estais acaso insensibilizados pelo bacilo de Hansen que vos eteriza a epiderme, ao ponto de não sentirdes o contacto morno dos pares conchegados? Este baile é então um festim de eunucos ou algum místico entoar de matinas e laudes ao bruxoleio das lâmpadas sob vitrais em que o crepúsculo transcendentaliza a doçura claustral?

Tudo, em vós, ou explícita, ou implícitamente, são pensamentos voluptuosos, em cuja corrente boiam as formas corpóreas esplêndidas e vivas, com maciezas ondulantes e curvas harmoniosas de Astartéas ou masculinidades ostensivas ou equívocas de Narcisos ou Ganimedes. Ora, si esses são os pensamentos ocultos em vossas cabeças, porque os não quereis ver objectivamente?

Ouso dizer-vos, senhores, senhoras, rapazes e mocinhas, o que nem por sombras podereis supor. E é o seguinte: esta nudez completa,

sem disfarces, é mais casta e mais pura do que as vossas roupas e as vossas atitudes.

A nudez, em si mesma, não é imoral. Si o fosse, não estariam nos altares a imagem de São Sebastião, as dos anginhos barrocos e encimar frontarias de nichos e relevos de colunas e de púlpitos, e a do próprio Cristo pregado na sua Cruz. A atitude de dôr do capitão romano varado pelas flexas, a de inocência dos anjos, a de misericórdia do Redentor de braços abertos, como que animam a nudez de uma euritmia sagrada, de uma expressão divina.

O Apolo do Belvedere, a Venus de Milo, o Adão da Capela Sixtina, estão nus e há neles a castidade das expressões naturais.

O que torna imoral o nu são as intenções que nele se refletem, os pensamentos secretos que o animam. No meu caso (diz a dansarina expulsa pela assembléia do Municipal) o que vos escandaliza não é o nu do meu corpo, mas sim a lascívia que ponho nos rítmos com que interpreto tudo quanto se passa nas vossas almas. Sois como os velhos de Babilónia, que denunciaram Suzana porque a viram nua no tanque, por entre as frestas das árvores. Não era contra a nudez da formosa israelita que eles se revoltavam, mas contra a lascívia que requei-

mava o sangue decrépito e que dava intelectualmente ao corpo da banhista a própria expressão subjectiva de suas imaginações doentias.

Notai que Suzana banhava-se às ocultas, recatadamente. E vós? Não ides à praia pùblicamente? O simples facto de vos exibirdes não transfigura o vosso nudismo em ostentação das vossas formas, e si nessa ostentação sentis algum prazer, que nome dareis a esse prazer? Eu o chamarei a delícia de mostrar-se e a essa delícia chamarei deleite luxurioso. Etimològicamente, luxúria quer dizer exuberância, ostentação, transbordamento, expansão. Ora, quem se mostra, exubera, ostenta, transborda, expande-se e nisso há secreto gozo.

Além do mais não há apenas o deleite subjectivo de quem exibe e o faz com artes de provocar; há o gôsto dos que veem e sôbre as fantasias objectivas engendram outras tantas pelo podêr da imaginação.

Olhar é uma forma de apoderar-se. Tanto assim é que se pagam entradas nos cinemas, onde as fitas são alugadas aos olhos e em certas galerias de arte, onde os quadros e as estátuas são alugadas à vista.

Os olhos nada levam, dizem os espíritos superficiais. Eu vos asseguro que os olhos levam muito. Levam a imagem estampada no cérebro

e si isso não for uma forma de posse, não sei o que seja possuir.

Mas o nu não está sòmente no alienar a roupa. Uma pessoa pode estar vestida e estar moralmente nua, do mesmo modo como uma pessoa pode estar nua, como as Virgens cristãs levadas ao suplício, e estarem moralmente vestidas.

Tenho a coragem de vos dizer, a todos vós que vos fantasiais de colombinas, arlequins, ciganas, baianas, havaianas, que estais tão nuas como a minha nudez, isto é, como a lascívia que a minha nudez põe na cadência da minha dansa.

Nem mesmo a vossa dansa é diferente da minha. Também, como eu, não tolerais hoje a delicadeza das valsas e das masurcas. Os vossos médicos dirão que aquelas dansas não passavam de sublimações do instinto sexual e em nosso tempo já possuís as válvulas de estravasamento daquilo que nossos avós chamavam senvergonhice e os esculápios denominam complexos: são as dansas da regressão atávica, operando no campo da medicina moderna o mesmo que os juristas praticam refundindo as normas do direito internacional e revogando princípios jurídicos e éticos, para retrogradar a humanidade até à pedra lascada. Essas dansas nada têm de comum com os rítmos harmoniosos da Gré-

cia Antiga, nem com o rítmo coreográfico e quase litúrgico do velho Oriente; nem se parecem com os inocentes folguedos populares dos paises cristãos; nem se aproximam da poesia e da graça do Romantismo que iluminou de sonhos e de suaves emoçes o século XIX. Não: são dansas inspiradas nos selvagens da Africa e oriundas do cruzamento psicológico de brancos e pretos da América do Norte. Essas dansas não procuram o sentido da harmonia e da musicalidade delicada e espiritual; elas são diretamente sexuais e desbragadamente lascivas.

Qual a diferença entre as vossas havaianas de umbigo de fóra e as vossas baianas mirandescas e esta nudez luxuriante com que me apresento? Qual a diferença entre o rítmo das vossas músicas e o rítmo do meu corpo nu? Qual a diferença entre os pensamentos dos vossos cérebros excitados pela champanha, pelo eter, pelo odor de mulheres e homens, e a realidade que exponho aos vossos olhos?

* * *

E a dansarina desnuda, no rítmo da sua dansa, parece concluir:

— Puritanos! Fariseus! Ide, primeiro, compor as vossas almas e depois julgai-me! Ou

então, expulsai-vos a vós daquí. Porque não será expulsando-me que modificareis um milímetro o vosso degradante mundo, os vossos costumes hipócritas, elevando, como seria de desejar-se numa sociedade cristã, a moralidade do povo brasileiro!

A ripueza dos pobres e a probreza dos ricos

A riqueza dos pobres é patrimônio mais garantido do que a fortuna dos ricos; porquanto correndo esta o perigo constante de perder-se, ou vulnerar-se, ou enfraquecer-se, aquela não se arrisca aos azares da sorte, nem às oscilações do tempo e das circunstâncias.

Consistem os bens dos pobres no nada ter, e pouco, ou quasi nada desejar; e como ninguém há que, nada possuindo, possa perder alguma cousa, têm os pobres a sua propriedade (que é nada) em melhor cautela de seguro do que os ricos, sempre inquietos pelo que lhes haja de suceder a quanto conseguiram entesourar.

Que o Reino de Deus é dos pobres, está escrito no Evangelho, e a razão de tal afirmativa parece-nos evidente. O Reino de Deus é uma República de homens livres; o seu estatuto baseia-se na liberdade de cada um, mediante cujo exercício plenamente se afirma a dignidade da pessoa humana. Ora, o pobre é aquele que, nada tendo a perder, exime-se natural e tranquilamente das injunções de outrem, de cuja

acção se possa temer detrimento a respeito de tudo o que constitua objecto de perdas e danos; ao passo que o rico, pelos haveres que defende, sofre a influência de muitos, ou de alguns, capazes de o prejudicar. Desta sorte, o pobre faz e fala o que quer, enquanto o rico faz e fala o que os outros querem.

* * *

Em suma: os ricos vivem no Reino dos Homens, e os pobres vivem no Reino de Deus; os ricos são escravos e os pobres são livres. Vivem os primeiros sujeitos às paixões humanas; vivem os segundos entregues à misericórdia do Criador. Os ricos raciocinam segundo os interesses dos seus negócios, e os pobres raciocinam segundo os ideais puros da Verdade e da Justiça.

Não se queira, porém, com tais assertivas, induzir todos os pobres à conclusão de que são pobres e todos os ricos à de que são ricos. Porque pobres há opulentíssimos pela ambição e pela fertilidade imaginativa que, arquitetando lhes especulações prodigiosas, negócios vantajosíssimos, perpectivas de lucros opimos em transações mirabolantes ou pingues empregos, vivem também encarceirados por mil fios de in-

teresses e temores de descontentar a poderosos; e ricos existem de tal forma desapegados do seus havêres, colocando-os sempre em posição subalterna à sua dignidade pessoal, que usufruem da quela liberdade do Reino de Deus, isentando-se do tributo oneroso e humilhante com que se taxam os vassalos do Reino dos Homens.

Pobres-ricos e ricos-pobres, cumpre capitulá-los (para efeito terminológico do que vamos dizendo) em ricos e pobres. Ricos, os que possuem bens de fortuna e arquitetura de negocios, e os que, não os possuindo, sonham ardentemente alcançá-los; pobres, os que nada teem, ou porventura, tendo algo, é como si não tivessem, pelo desamôr absoluto aos bens terrenos e destemor às injurias da sorte.

* * *

Dessas duas categorias são os homens neste mundo. Uns, governando-se pela prudência, outros pela audácia; uns administrando-se pelas precauções, outros pela segurança que a todos confere o não-ter; uns gerindo-se pelo medo, outros pela coragem.

Nas horas trágicas das Nacionalidades, são os pobres que salvam a Pátria, salvando, ao mesmo tempo, todos os pobres e todos os ricos,

inclusive os pobres-ricos, tão condenáveis quanto os mesmos ricos.

Os ricos não querem abrir mão de suas comodidades. Amam demais a sua poltrona macia, o seu automóvel de classe, as suas lindas casas da cidade ou do campo, o seu club, a sua praia, a sua boate, o seu hiate, e sobretudo os seus algarismos, as suas empresas particulares, as suas relações úteis e rendosas, os seus planos de ganhar e acrescentar sempre. Tudo isso eles podem perder, si forem porventura incomodados em consequência de atitudes idealistas que venham a assumir. Amanhã (raciocinam) algum banqueiro, ou ministro ou governador, ou magnata da indústria ou do comércio, pode estar em campo adverso ao em que me puser; e meu negócio, que vai sendo encaminhado, talvez se venha a esboroar...

O rico tem medo. O rico é o mais pobre dos pobres em patrimônios de liberdade. O rico não é livre. O rico é escravo. O rico é inutil à Pátria nas horas decisivas em que se cuida de salvá-la, salvando-se ao mesmo tempo a ele próprio, a sua própria família...

Que dirá Fulano? pergunta o rico. Como interpretará Sicrano a minha resolução, a minha opinião? E encolhe-se, vestindo o pijama de seda e abrindo uma revista frívola, para es-

quecer a voz da consciência que lhe diz: "Vai, abandona teus interesses e trabalha pela tua Pátria?."

* * *

Os pobres, ao contrário. Esses são homens livres. Erguem a cabeça, assumem atitudes, falam o que bem entendem, agem como querem. A sua receptividade é maior aos apelos da sua Nação. Todo o seu ser vibra à ressonância das palavras profundamente significativas e electrizantes com que os grandes Idealistas anunciam o desfraldar das bandeiras heróicas e as arrancadas magníficas das minorias expressivas da alma nacional.

Os pobres sabem levantar-se em massa, sabem ver algo superior aos mesquinhos interesses quotidianos. Eles são capazes de sacrifícios mesmo materiais, tirando do pouco que contam para a sua subsistência, afim de trazer como a viuva do Gasofilácio, o ceitil redentor e tão comoventemente significativo dos anseios que palpitam no recesso do coração da Pátria.

Eles sabem dar o seu tempo ao esforço de propaganda das idéias generosas, ao labor obscuro de vigilância do país contra os elementos que trabalham na sua dissolução. Eles sabem

sacrificar, no altar da Nacionalidade, os seus empregos, as suas situações particulares, a sua carreira, as justas ambições humanas de comodidade material, nas horas em que a inércia, a indiferença, a apatia constituem crimes revoltantes de omissão contra a segurança e a integridade de uma Pátria que quer ser independente e soberana. Eles sabem dar a sua própria vida, quando o seu sangue é penhor da salvação da colectividade cristã ameaçada e das tradições de honra dos nossos antepassados.

Homens livres, ninguém os poderá escravizar. Legião magnífica de fé e perseverança, a sua marcha ninguém a poderá deter. Si o Evangelho diz "onde está o teu tesouro ai está o teu coração", esses homens que puseram todo o seu tesouro no culto de Deus, da Pátria, da Família, da Liberdade Humana, da Verdade e da Justiça, trazem os seus corações ligados a esses têrmos nos quais não há lugar para interesses inferiores.

* * *

A um homem rico, ou de negócios, pode-se fazer algum mal. Pode-se prejudicar o seu crédito com calúnias ou infâmias; pode-se ferir os seus negócios mediante uma injunção subtil

perante um banqueiro ou por meio de uma acção política hàbilmente manobrada no sentido de lhe vir despacho adverso da pena de um ministro ou de um chefe de repartição; pode-se impedir-lhe que efetive uma transacção, por meio de empenhos ocultos; pode-se até roubá-lo com mãos de luvas. Mas a um homem pobre, nada se pode fazer para arruiná-lo. Ele não tem negócios em curso, ele não tem capital empatado em empresas, ele não está elaborando contratos, nem encaminhando fornecimentos, nem dependendo da boa ou má vontade de quem quer que seja. Ergue, pois, a cabeça; é livre. E não temendo prejuizos, é rico. E não podendo ser pior o pior em que já vive, ninguém o iguala em majestade e sobranceria. Vive como os lírios do campo e como os pássaros do céu; e em vez de embriagar-se com os prazeres da terra, é o ideal que o inebria tonificando-o e imprimindo-lhe aquele tom magnífico de otimismo que os ricos jamais conhecem.

O pobre limitou as suas ambições materiais de tal sorte que, livre das angústias advindas do espírito da avareza, a sua personalidade pode expandir-se sem peias, nem embaraços, nem temores. Ao contrário, o rico vive escravizado pelo querer sempre mais do que possui. Hoje está apertado porque, dispondo de dez

milhões, jogou com o crédito para realizar empresa de vinte milhões, e amanhã, quando haja saido bem do cometimento, ao fim do qual dizia que iria descançar, mete-se em aventura de cem milhões, invariàvelmente afirmando que, ao cabo dela, irá repousar de suas fadigas e aperturas. Enquanto aguarda, desespera-se, conta os vintens, vive como um infeliz, a lamentar-se exclamando, a todo instante, que os tempos andam péssimos, que tudo está pela hora da morte e que os seus dias são aflitivos e as suas noites de insonia.

Nesse ponto, a diferença única entre o rico e o pobre está na morte. O pobre vive rico e morre pobre: o rico vive pobre para morrer muito rico. Essa observação da sabedoria arabe transluz fina ironia. E' ferro em braza na carne da avareza, cujo orgulho está na ostentação póstuma do inventário.

Assim pensando, o rico deixa de praticar os mais belos actos que a sua riqueza facultaria. Torna-se um omisso, um inútil à sociedade em que vive, à Nação a que pertence, à posteridade pátria. Assiste, indiferente, à luta dos idealistas, ao trabalho dos que se esforçam por defender o patrimônio comum de liberdade e de dignidade, esse patrimônio que o rico usufrui, co-

mo um parasita, aproveitando-se do sacrificio alheio.

* * *

O mundo actual, a chamada civilização ocidental, está agonizando em consequência desse comodismo, desse egoismo, dessa feroz ambição e profunda avareza que estiola tôdas as forças do espírito.

Esse é um dos aspectos do mundo dos inertes, dos inactivos, que constituem a metade da humanidade de hoje. No próximo capítulo, continuando esta série de considerações, trataremos de outros sectores do mundo dos inertes, dos vivos-mortos vegetativos e ausentes do drama contemporâneo.

III
Paradoxo do nosso tempo

Um dos factos mais curiosos dos dias que vivemos, e sobre o qual poucos terão refletido, é o seguinte: os materialistas agem espiritualmente e os espiritualistas agem materialistamente.

Ouve-se, com frequência, que a civilização ocidental (que muitos chamam cristã) se encontra em perigo, isto é, sob a ameaça de um outro tipo de civilização, ao qual se tem dado o nome de oriental, ou anti-cristão.

Baseia-se a chamada civilização ocidental em valores puramente do Espírito: direitos naturais, devêres humanos, culto das virtudes, das ciências, das artes, o que tudo se exprime por uma consciência jurídica, uma consciência moral e uma consciência estética. Herdeira daquele equilíbrio latino, em que se consubstanciaram o sentido da Beleza e a profundidade do Pensamento da Grécia Antiga; o bom senso e o gênio político de Roma expressos nos lineamentos do seu Direito e nos episódios da sua História; e

tudo isso enriquecido pelas inspirações luminosas do Cristianismo, a Civilização que se formou na Europa e que se estendeu aos povos da América estabeleceu uma hierarquia de valores em cujo ápice resplende a flor pura da Espiritualidade.

Ao contrário, a chamada civilização oriental, tomando da própria civilização ocidental os contrastes escuros daqueles negativos que serviram sempre de fundo a ressaltar os elementos humanos positivos e afirmativos na vida do pensamento e da acção dos povos europeus, construiu-se de forma brutal compondo-se de elementos materiais despóticos. Fez tábua rasa de todos os postulados morais, jurídicos e estéticos que constituem a base dos convívios nacionais e internacionais no Ocidente e proclamou, pela primeira vez na História, como fundamento de tôda construção social e política, o dógma materialista.

Em nome desse materialismo, pleiteia-se a destruição de todas as estruturas dos grupos naturais e das comunidades nacionais de caracter mediterrâneo, isto é, greco-latino-cristão. Por outro lado, reage o espiritualismo do ocidente, esforçando-se por sobreviver à catástrofe amea-

çadora. E esse é o drama formidável do nosso tempo.

* * *

No entanto, os processos de luta entre os dois tipos de civilização apresentam-se de forma contraditória pasmosa. Os materialistas dogmáticos agem utilizando-se das forças do Espírito, ao passo que os espiritualistas confiam exclusivamente nas forças da Matéria.

Para sermos mais claros: os materialistas creem no Espírito, ùnicamente no Espírito, como potência destruidora, transformadora e construtora da sociedade humana; e os espiritualistas creem na Matéria, exclusivamente na Matéria, como agente capaz de contrapor-se aos desígnios adversários...

Concretizemos. A Rússia Soviética, portadora da bandeira do ateismo militante, detentora das fórmulas frias de um regimem que nega a existência da alma e a imortalidade do Homem, utiliza-se de instrumentos de propaganda que visam conquistar as almas. As Nações Ocidentais, ditas democráticas, ou melhor ainda cristãs, servem-se de processos mediante os quais visam conquistar estómagos satisfeitos.

A Rússia Materialista funda o Comintern

Os Estados Unidos contrapõem ao Comintern o Plano Marshall. O Comintern leva idéias; o Plano Marshall leva meios de desenvolvimento económico.

Primeiro a comida, dizem as Nações Oci dentais; depois o Espírito, porque si tôda esta luta é por causa do pão, demos antes de tudo o pão e o resto vem como consequência. Mas, de acordo com o que escreveu Sorel em suas "Reflexões sôbre a violência", dizendo que o povo mais facilmente faz uma revolução por causa das côres de uma bandeira do que de um pedaço de pão, a Rússia Soviética desencadeia a mais hábil das propagandas, despertando com as fôrças negativas desse mesmo Espírito, isto é, as do ódio, da vingança, da violência, da brutalidade.

O que desejam as Nações Ocidentais, a cuja frente se acha esse povo generoso, nobre, humanitário, que é o povo norte-americano, é assegurar continuidade à nossa Civilização greco-latino-cristã, essa Civilização que nasceu no Mediterrâneo e se estendeu pelas Gâlias, Germânia, Bretanha, Scandinávia e Iberia, atravessando o Atlântico e realizando-se magnífica mente no Novo Mundo. E nós não podemos deixar de apoiar os Estados Unidos, na defesa

desse patrimônio e na sustentação do tipo da Civilização em que vivemos.

O que deseja a Rússia Soviética é implantar um sistema universal onde o físico, o material, o econômico, excluindo-se tôda a hierarquia dos valores espirituais, formem a argamassa componente dos alicerces de uma sociedade humana animalizada.

Lògicamente, os processos de acção deveriam ser invertidos: os materialistas usariam de meios materiais e os espiritualistas de meios espirituais; mas dá-se o contrário.

* * *

Quando se fala na possibilidade de uma guerra (essa pavorosa desgraça que todos temem e que muitas vezes se torna o impositivo de consciência das Nacionalidades esclarecidas pela noção dos seus devêres diante da inpudente acção do Mal) logo os ocidentais afirmam que, em hipótese alguma serão vencidos, porque possuem a bomba atómica. Do outro lado, os adeptos de Moscou sorriem, dizendo que melhor arma do que o átomo explosivo,s ão as suas quintas colunas hoje existentes em todos os paises da terra. Ora, a bomba atómica é o resultado de pesquisas da inteligência atuando sobre elemen-

tos materiais, ao passo que as quintas-colunas são agentes psicológicos atuando sobre as faculdades da alma. Logo, a arma dos que defendem a Civilização dita espiritualista (porquanto se diz cristã) baseia-se na Matéria, ao passo que a arma dos que propugnam por uma Civilização materialista (oriunda do materialismo histórico, ou dialético, do marxismo-leninismo), baseia-se no Espirito.

E' o grande paradoxo do nosso século.

* * *

Mas, si passarmos do campo internacional para a vida interna dos povos, verificamos o mesmo facto. Os partidos que se levantam para combater o comunismo, ou seja o regimem despótico da Rússia, em vez de opôr uma legítima e corajosa antítese à tese materialista, submetem-se ao processo hegeliano, adotando uma síntese programática, na qual procuram conciliar os dois tipos de civilização. Foi já assim o nazismo, na Alemanha, o qual, pretendendo impedir a marcha do bolchevismo, criou um regimem onde predominaram vários postulados do mesmo bolchevismo, entre os quais o do estatismo absorvente. O nazismo, dizendo-se, como muitas vezes se disse, o defensor da civilização

européia, contra a invasão russa, adquiriu, entretanto, uma expressão de tal forma materialista, abolindo tôda consideração da espiritualidade cristã, que se tornou um mero substitutivo do comunismo soviético, isto é, uma forma de socialismo de caracter nacional. E isso que se passou com o nazismo, passa-se hoje com os partidos de índole socialista, como o trabalhismo inglês e todos os outros que, nas Nações do Ocidente, executam ou desejam executar a socialização progressiva dos meios de produção, as planificações económicas e a política da economia dirigida no pior sentido que essa política pode comportar.

Até mesmo certas correntes de opinião partidária que se dizem cristãs (algumas se afirmam católicas) partem do material para o espiritual, admitindo o pressuposto de que, havendo em primeiro lugar o pão, tudo o mais virá por acréscimo, ou como consequência de um estado psicológico capaz de aceitar um conceito espiritualista da existência. Trata-se, evidentemente, do que, em linguagem marxista ou fuerbacheana, se chama uma transação, ou seja uma concessão indígna daquela lídima espiritualidade de cuja fé exige uma irredutível intransigência doutrinária. Esquecem-se tais acomodatícios de que, não havendo prevalência do Espírito, não

haverá Justiça, e não havendo Justiça, não haverá pão para todos, porque o egoismo dos homens materialistas tratará de prover-se de tal forma que pouco ou nada sobrará para os demais. Donde se evidencia a verdade do Evangelho naquele trecho que diz: "Buscai primeiro o Reino de Deus e a sua Justiça, e tudo o mais vos será acrescentado".

Mas essa transigência com o materialismo se manifesta principalmente nos ricos, nos detentores dos meios de produção, nos homens de muito dinheiro. Eles são contrários ao comunismo, porém o que eles fazem para combatê-lo não passam de medidas puramente materialistas. A começar pelo estilo da vida que levam, tudo neles é materialidade. A sua preocupação pelos negócios absorve noventa por cento do seu tempo, reservando-se os dez por cento restantes para os prazeres que o dinheiro faculta. Alguns, dão uma migalha desse tempo a alguma atividade política ou social e, dentre estes, raros dedicam uma ínfima parte dessa migalha de tempo à vida do Espírito. Com tal exemplo, sempre contemplado pelos que estão em baixo, ensinam às massas proletárias que o negócio é a coisa mais importante da vida, mais importante ainda do que os próprios prazeres. Para combater o comunismo, procuram fazer

uma propaganda cujos argumentos objetivam demonstrar que o seu regime oferece mais benefícios materiais do que o russo. Não usam uma só palavra que fale ao homem da sua dignidade, das forças espirituais que residem nele, do seu destino superior. Quer dizer, si o argumento do comunismo é económico, o da burguesia capitalista também é económico. Materialismo contra materialismo. Materialismo defendendo a isso que chamam civilização cristã.

Os governos, por sua vez, não acreditam na eficácia das forças espirituais para defender o património da nossa civilização espiritualista. Permitem, por um lado, que professores comunistas se utilizem das cátedras do ensino secundário ou superior, para disseminar as suas doutrinas; permitem que exerçam suas funções jornalistas notòriamente adeptos do credo de Moscou; permitem que circulem livros de propaganda maxxista ou obras literárias destruidoras de todo o fundamento cristão da sociedade; mas depois, si aparecem homens envenenados pelas idéias comunistas e se manifestam em actos de agressão ou de violência contra as chamadas instituições democráticas, então utilizam da força bruta, para esmagá-los. E isso significa que os governos das nações ocidentais não acreditam na eficácia das forças do espírito represen-

tadas pela cátedra, pelo jornal, pelo livro, e tanto não acreditam que deixam livremente atuar o professor, o jornalista, o escritor no sentido da destruição dos valores da nossa civilização, mas acreditam no argumento material da cadeia, do carro de assalto, da metralhadora e do canhão. E temos, ainda nesse caso, o materialismo se utilizando dos instrumentos espirituais de conquista espiritual, e o espiritualismo da civilização ocidental se utilizando dos instrumentos materiais de compressão.

Numa palavra: a civilização espiritualista não acredita no valor do espírito; e a civilização materialista não acredita na eficácia exclusiva dos elementos materiais. E' a maior das contradições do mundo moderno.

* * *

Outra prova de que os que defendem a civilização dita cristã, ou tida por espiritualista, não agem sinão materialistamente, está no facto de não existir uma capacidade mística de sofrimento, de sacrifício, entre aqueles que dizem ser adversários do comunismo, ao passo que é evidentíssimo esse poder de idealismo, de sonho, de dedicação completa aos seus objetivos, nos agentes do comunismo internacional.

Quem, do lado dos que se dizem defensores da civilização rotulada de cristã, é capaz de sacrificar alguma hora de negócio, ou de prazer ou abrir mão de comodidades, para se entregar a luta pela subsistência das formas sociais vigentes? Quantos são capazes de arriscar os seus bens, de correr o perigo das perseguições, talvez das prisões, ou quem sabe da morte, para sustentar os princípios dessa periclitante civilização de que são usufrutuários? Os intelectuais serão capazes de interromper o agradável trabalho dos gabinetes, para ir à praça pública defender os postulados anti-comunistas que adotam? Os ricos serão capazes de dar cinco por cento da sua renda anual para a propaganda das idéias que eles dizem considerar salvadoras contra o comunismo? As senhoras da sociedades serão capazes de privar-se de algum prazer ou de alguma despesa, ou de algum capricho, para con-concorrer com seu auxílio material ou com uma parte do seu tempo na obra de sustentação desse edifício social a cuja sombra vivem? Os políticos serão capazes de abrir mão de interesses eleitorais para se exorem até à impopularidade si preciso for, no intuito de manter de pé as instituições pelas quais devem ser os mais responsáveis?

Tudo isso, o que quer dizer? Quer dizer

que nem os intelectuais nem os ricos, nem as senhoras, nem os políticos acreditam firmemente nas forças do Espírito. Si acreditassem, tudo arriscariam, tudo sacrificariam. Por conseguinte, os representantes da civilização materialista, isto é, os comunistas, são muito mais espiritualistas no seu materialismo do que todos aqueles que se acolhem sob a bandeira de um espiritualismo sem Espírito.

* * *

Eu considero o Comintern, que durante a última guerra só foi fechado "para inglês vêr", e que hoje mudou de nome para iludir papalvos, eu considero esse Cominform, actuante em todos os paises do mundo, uma poderosa força espiritual a serviço do materialismo dogmático. Contra essa força, não poderemos opor a miséria orgânica de uma civilização hoje minada pelo próprio materialismo que ela diz combater. Temos de criar uma força nova, uma força baseada exclusivamente no potencial das âlmas, nas energias do Espírito. Fora disso, não há salvação possível.

Enquanto o mundo ocidental adorar ao mesmo tempo a Deus e a Mamon, sustentando uma verdade ideal e agindo segundo uma ver-

dade pragmática de interesses egoísticos, o comunismo hade tudo minar, tudo corroer e destruir do que ainda resta como expressão do espírito numa civilização que acredita, acima de tudo, no negócio e no dinheiro.

Não precisamos melhor exemplo do que o caso do bloqueio dos portos chineses em mãos dos comunistas, pelos nacionalistas de Chang-Kai-Chek. Habilmente, e sabendo que o mundo ocidental não abre mão dos seus negócios, os comunistas, ao tomarem aqueles portos, abriram-nos ao comércio internacional. Medida tática, medida de emergência, medida para iludir a ganância dos vendedores de artigos industriais e, ao mesmo tempo, meio de receber materiais de que os comunistas precisam. Os nacionalistas (que afinal defendem aquilo mesmo que as nações comerciantes do ocidente dizem defender, ou seja a civilização dita cristã) bloquearam aqueles portos, como era natural, como exigia uma circunstância de guerra. E que vimos? Uma nota diplomática de protesto das nações que se afirmam anti-comunistas, contra o acto dos que lutam contra o comunismo. E isso por que? Porque o comércio está acima do ideal, o negócio é superior aos supremos interesses humanos...

Essa atitude faz lembrar o facto muito co-

nhecido em nosso país dos industriais que deram dinheiro ao partido comunista, afim de que este transmitisse ordens aos operários das fábricas, para aumentarem a produção. Tal prática encontra o seu equivalente político naqueles homens que, dizendo-se democratas, recebem votos comunistas afim de se elegerem deputados, senadores, governadores, e tiram o chapéo em cortezias à massa, para se sustentarem nos cargos de ministros ou dirigentes de certos serviços públicos.

* * *

Eis, pois, o grande paradoxo dos tempos que vivemos: a civilização espiritualista não crê no Espírito; a civilização materialista zomba dos impositivos da Materia.

Uma possui hoje um argumento: a bomba atômica. A outra conta com uma lógica: a conquista das almas.

As democracias da civilização dita espiritualista, essas democracias agnósticas não temem a propaganda das idéias materialistas, pelo que a facultam livremente.

O socialismo internacional marxista, ou marxista-leninista, não teme a bomba atómica, nem os tanques, nem os aviões, porque sabe

que, na usina onde se fabrica a bomba atómica, está um elemento essencial e eterno: o Homem; e sabe que nem os tanques ou os aviões se fabricam ou se movimentam, sem a interferência desse agente hoje tão desprezado e amesquinhado pelo materialismo da civilização ocidental: o Homem.

Os chamados espiritualistas acreditam na Máquina. Os chamados materialistas acreditam nessa outra coisa, mais formidável, que engendra compõe, concretiza e propulsiona a Máquina: o Sêr Humano, complexo de imaginação, razão, sentimento e vontade.

Tôda a teoria da Revolução Mundial é baseada nas fôrças potentíssimas do Rei da Criação. Quem lê Marx ou Engels, Sorel ou Lenine, Trotzki ou Stalin, não pode alimentar a menor dúvida a êsse respeito. E ai é que está o grande mistério dêste século. As duas tenazes aproximam-se, constringindo o Mundo: a do espiritualismo materialista e a do materialismo espiritualista.

A tal ponto chegou a loucura dos homens, nas suas contradições à face de Deus!

IV
Bandeira dos novos Tempos

E' triste, é realmente muito triste considerar que a humanidade de hoje se extrema em duas fracções igualmente condenáveis, que se chocam em todos os paises, sem oferecer aos paises, sem oferecer aos oprimidos, aos que gemem como vítimas de um desequilíbrio social doloroso, o remédio para as suas aflitivas angústias.

O espetáculo oferecido à vista do observador, em qualquer nação do mundo, é sempre o mesmo. De sorte que, apreciar um povo é o mesmo que apreciar todos os povos. Olhar para o nosso país, é vêr os outros paises neste século de brutalidades e dureza dos corações. E contemplar as outras nacionalidades é pôr a nossa diante dos olhos.

Para se ter uma noção das desigualdades e das injustiças, basta estabelecer alguns confrontos. De um lado, vemos uma sociedade epicurista, gozando todos os requintes do progresso técnico e entregando-se a tôdas as sedu-

ções do prazer; do outro multidões de párias, encontrando no caminho da vida as maiores dificuldades.

Há um desequilíblio mundial, de cujas conseqüências não se exime nenhuma nação. E é preciso viver no meio do povo, ouvir as suas queixas, para compreender o drama colectivo, porventura o maior de tôdas as épocas da História, que está a pedir uma solução aos espíritos capazes de penetrar o seu trágico sentido.

* * *

Vivemos a dizer que sustentamos e defendemos a civilização cristã. Mas onde está, nos dias que vivemos e nos aspectos sociais que temos diante de nós, o espírito do cristianismo?

O espírito do cristianismo não pode ficar circunscrito exclusivamente às práticas religiosas. Nem as exterioridades do culto, nem a satisfação puramente mística da alma podem satisfazer ao espírito cristão si esse espírito tem as suas raizes no Redentor da Humanidade.

O Cristo traçou normas de vida que exigem, não apenas a prática pessoal pêlo discípulo, mas a sua propaganda constante e não sòmente para conquistar novos adeptos, mas para modificar as estruturas sociais.

Basta rememorar o que fez o Envangelho no Império Romano. A sua influência foi não apenas moral sôbre os indivíduos, mas política e social, económica e jurídica. A face da terra foi, realmente, renovada.

O estudioso, que demora suas vistas nos costumes familiares e públicos tanto de Roma como do vasto Império e das regiões dos bárbaros sôbre cujos paises não se estendera a asa da águia latina, verifica a espantosa diferença que vai entre o tempo dos primeiros aos últimos Cézares.

Aquilo a que chamamos històricamente decadência, tomando como critério de julgamento os padrões político-sociais do Paganismo, podemos hoje, libertados do preconceito em que se exprimiu a fobia de Juliano Apóstata, reproduzida em tantos historiadores, denominar: ascendência do Homem sôbre os destroços de suas próprias construções.

* * *

Nada se parece mais com uma casa em destruição do que uma casa em construção, disse um escritor do período modernista francês do após-guerra, em 1920. E isso, que se re-

feria aos temas exclusivos da arte, bem podemos aplicar às fases de transição histórica.

Essas fases são às vezes longas e podem durar séculos, outras são rápidas, provocando verdadeiros cataclismas humanos. A acção do Cristianismo foi lenta; mas não se pode negar que foi segura. Só os loucos negarão a superiodade ética dos grupos sociais na Idade Média em comparação com as normas de vida do Paganismo.

Poderosa influência na amenização dos costumes, no teor cavalheiresco das guerras e no respeito aos valores morais através do sistema de relações entre indivíduos, famílias e grupos, exerceu-a o Cristianismo, o qual, de espaço a espaço, foi, por assim dizer, interrompido pela reação pagã manifestada sob novos aspectos.

E' costume acusar-se a Renascença de todos os males anti-cristãos que fizeram ressurgir, com o sentido fáustico da vida, as expressões de magnificência da fôrça e o esplendor das grandes ostentações dos poderosos da inteligência ou do dinheiro. Mas, muito antes da Renascença, houve períodos de franca sensualidade, a tal ponto que foi preciso surgir um Francisco de Assis para reconduzir os homens ao caminho do Cristo. Nem para outra cousa vêm os santos

ao mundo, sinão para reconduzir-nos, quando andamos transviados.

E, ainda aí, é o espírito do cristianismo exprimindo-se pela forma mais adequada no esfôrço de curar as enfermidades de uma época.

* * *

Tudo isso temos escrito acima, como a pedir ao Céu que nos mande algum desses emissários capazes de tocar com o seu dedo o ponto nevrálgico das nossas desgraças actuais, operando uma revolução nos costumes, de sorte a repôr a sociedade de hoje nas bases do espírito cristão.

Porque essa civilização que pretendemos defender pode ser tudo o que queiram, menos uma civilização cristã. E constitui até mesmo um crime utilizarmos de semelhante rótulo, para sustentar injustiças clamorosas, desregramentos gerais, sensualidades sem freios e orgulhos sem conta.

Chame-se a essa civilização pelo nome de ocidental, de materialista, de científica, de técnica, do que for, mas não infamem o nome de Cristo, fazendo-o guarda-noturno das proprie-

dades dos ricos, comparsa de insensatos, comensal de prazeres e mantenedor de vícios.

* * *

Que há de comum com o Cristianismo a ostentação dos milionários, que vestem suas mulheres com peles de quinhentos contos, enquanto há criancinhas e velhinhas a tiritar de frio nos casebres imundos?

Que relação tem com o Cristianismo o contraste entre os palácios luxuosos e os bairros miseráveis? Em que se confundem a fartura dos possuidores de cincoenta pares de sapatos e os pés descalços ou mal acomodados em botinas rasgadas, que marcham a pé, enquanto os opulentos rodam nos seus carros de raça?

Tem alguma cousa com o Cristianismo o espetáculo luxurioso das praias, onde os pintores de nus poderão prescindir dos míseros modelos que lhes frequentam a oficina a tanto por hora?

E essa vida social onde as damas não repetem vestidos e os cavalheiros de bom gosto não repetem as damas em dois invernos seguidos; e essa preocupação constante, absorvente, de bailes, de chás, de teatros, de corridas, de banquetes, de granfinagens de toda a espécie; e essa

ausência de interesse por tudo o que não seja o prazer estonteante, o anestésico embotador do íntimo sentido do superior destino humano; e essa insensibilidade diante da impressionante tragédia que ressalta do quotidiano, do dia a dia das multidões rebeladas; tudo isso, que tem de comum com o Cristianismo?

* * *

Si existe uma civilização cristã, onde está ela? Acaso os que assim vivem e agem, não são os que baptizam e casam nas igrejas, fazem celebrar missas de sétimo dia e de acção de graças, e assinam subscrições para construir templos, e às vezes chegam ao supremo heroismo de concorrer para obras de beneficência?

Que tem feito essa sociedade, essa civilização, e o Estado por elas engendrado, para recompor, não apenas o equilíbrio económico-social, mas também e, principalmente, o equilíbrio moral das relações humanas?

Os que falam em democracia são homens enfatuados, incapazes de promiscuir com os humildes. Si eles se detivessem, si vissem e ouvissem, e tivessem coração para compreender, descobririam muitas máguas de deserdados, que lutam pela roupa, pela comida, pelo remédio,

pelos livros onde possam estudar, ou por uma ração de carinho, de afetuosa palavra, de que tanto necessitam como homens que são.

* * *

A desgraça do mundo moderno, a maior de todas, é representada por este facto assombroso: são os materialistas confessos, os ateus ostensivos, numa palavra, os comunistas, que levantam a bandeira que deveria estar erguida nas mãos dos que dizem crêr num Deus de Justiça.

Então, os sofredores, os oprimidos, os revoltados, os humilhados, negando a todo o princípio da espiritualidade, olham com raiva, com irada cupidez as peles de bisão e de arminho, os adereços de brilhantes, os vestidos de seda, as casacas, os automóveis de luxo, a champanha que estoira, os adultérios elegantes, o orgulho túmido, a avareza esquálida, a preguiça flácida e as festas retumbantes.

A plebe torna-se também materialista. Cria a sua mística, prepara a revolução. Como remédio, aqueles gozadores fundam asilos, e recomendam aos protegidos que combatam o comunismo... E si a onda cresce ameaçadora, não encontram outra solução sinão a de pôr o

comunismo fora da lei. Conseguido isso, dormem tranquilos sem reparar que os maiores comunistas são eles, os que vivem uma vida pagã, que representa em nosso século a mais completa negação de Deus e da Alma, a mais absoluta indiferença pelos devêres cristãos.

Francamente, leitores: extinguir o comunismo para manter isso que aí anda, isso a que chamam civilização cristã, seria tão grave injustiça aos olhos de Deus, que admira como alguem possa conceber.

* * *

Urge combater o comunismo, não há sôbre isso a menor dúvida, pois essa doutrina levará o povo à escravidão mais tenebrosa, como sucede na Rússia e nos paises por aquele Império ocupados. Mas o comunismo não se combate a ferro e fogo, e nem fundando meia dúzia de hospitais, que são muletas de uma civilização côxa. O comunismo combate-se com Cristianismo. E o Cristianismo se reduz a duas palavras: castidade e caridade. Na palavra castidade devemos abranger a repulsão a todas as formas de sensualidade: a avareza, a ociosidade, a exibição, o confôrto exagerado, a ambição desmedida, o orgulho tôlo, a exaltação da fôrça, o re-

quinte intelectual, vícios que são, como a luxúria, animalizadores da criatura humana. E quanto à caridade, ela não consiste apenas em dar esmolas, às vezes com humilhação ao beneficiado, nem na simples manutenção de instituições beneméritas, porque a caridade é mais ampla e mais profunda: é o próprio amor, que sabe compreender, e sofrer, e renunciar, e perdoar, e resignar-se, e confortar, e pacificar, e unir, e estar sempre diligente porque não conhece repouso nem dificuldades.

Com essas duas armas, será possivel renovar o padrão da sociedade dêste século. Dar-lhe teor de Cristianismo. Pois o Cristianismo é a recondução dos valores espirituais ao pedestal de onde foram derrubados para que nele se entronizasse a Mamon, o Bezerro de Ouro. Só o Cristianismo possui o sentido exacto e profundo da palavra Pobreza, que não significa a destruição dos bens terrenos, mas o nosso desapego por eles.

* * *

Os ricos de espírito, os sedentos de glória, de gozo e de podêr, não evitarão as catástrofes dêste século. O que temos de evitar, a todo o transe, é que Satanaz, que também se chama Or-

gulho, Sensualidade e Avareza, empreenda uma cruzada para salvar a Civilização Cristã, a qual, salva por ele, passaria a existir apenas no rótulo, como já vai acontecendo sob certos aspectos, e já aconteceu durante o período em que o materialismo nazista arvorou-se em defensor da Cristandade.

Hoje, o velho Lusbel organizou várias hostes: uma se chama a "mão estendida", forma execrável de certo liberalismo dito cristão; outra se chama "neo fascismo", ou seja o ressurgimento de uma concepção absorvente do Estado; outra se chama "socialismo", com predominância do económico sôbre o espiritual; outra se chama "esquerdismo", com proclamações de que o mundo marcha para a esquerda; outra se chama "capitalismo", com aparências imediatas de anti-comunismo, porém com a mesma mentalidade mecanizadora dos adeptos da teoria marxista.

No meio de tôdas essas correntes da confusão que Mamon (o material dominado o espiritual) organizou, com ares de Pedro Eremita, para a sua cruzada catastrófica, temos de nos levantar sustentando, não apenas em nossas convicções íntimas e em nossa vida interior, mas no campo social e político, a bandeira gloriosa

daquela Cruz que é símbolo da purificação dos homens e das Pátrias, da redenção da Humanidade e do Reino de Cristo.

Então, podemos dizer que estamos defendendo alguma cousa superior, alguma cousa que não se confunde com a vida contraditória dos burgueses progressistas, porque estaremos defendendo com direito de por ela batalhar — a Civilização Cristã.

INDICE